

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**Fenómenos de Sândi Vocálico em
Variedades do Português Europeu**

Nuno Miguel Ribeiro Paulino

Dissertação orientada pela Professora Doutora Sónia Frota, especialmente
elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Linguística

2016

Dissertação desenvolvida no âmbito de um projeto, PTDC/CLE-
LIN/119787/2010, financiado pela Fundação para a Tecnologia e a Ciência.

Aos meus pais e aos meus avós

Resumo da Dissertação

Este trabalho insere-se no âmbito do projecto *InAPoP- Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* e tem como principal objetivo fazer uma descrição prosódica de diversos fenómenos de sândi vocálico, sendo estes a crase ou apagamento de vogal central, a semivocalização de [u] ou [i] e o apagamento de vogal recuada [u]. Esta análise foi feita a partir de dados provenientes de um *corpus* de leitura de oito regiões urbanas (Arcos de Valdevez, Vila Real, Aveiro, Castelo Branco, Évora, Alvor, Funchal e Ponta Delgada), tendo sido feita uma comparação com os resultados obtidos para a variedade *Standard* do Português Europeu em Frota (1995, 2000, 2014).

Partindo da abordagem da Fonologia Prosódica à estrutura prosódica (Nespor & Vogel 1986/2007) e aplicando no essencial a metodologia desenvolvida nos trabalhos de Frota citados, foram analisadas as diferentes estratégias de resolução de hiatos, tendo em conta o estatuto acentuado/átono das vogais (V1 e V2), bem como os domínios prosódicos e os níveis de proeminência envolvidos. Foram ainda observados casos de resolução de hiato envolvendo antagonismo acentual, o que conduziu ainda a uma análise mais detalhada da distância silábica entre acentos lexicais e respetivo impacto na resolução dos hiatos.

Os resultados demonstram que todos os fenómenos observados se circunscrevem ao domínio do Sintagma Entoacional, à semelhança do descrito para a variedade de Lisboa. A fronteira deste constituinte bloqueia, assim, a ocorrência dos fenómenos aqui tratados. Observámos também que o acento, em qualquer das vogais (V1 ou V2), bloqueia a ocorrência de crase, o que não se observa com a semivocalização e o apagamento, que permitem a resolução do hiato, desde que o acento esteja na V2, mas não na V1. Finalmente, observámos também que quanto ao antagonismo acentual e distância silábica entre acentos ocorrem diferenças entre regiões: para as regiões do Norte e da ilha do Funchal, há uma preferência pela semivocalização e pelo apagamento nas regiões do Sul e na ilha de São Miguel, quando da aplicação dos processos resultaria um antagonismo.

Globalmente, foi encontrada variação entre regiões na tendência para a resolução de hiatos e na frequência dos diferentes processos que os evitam.

Este estudo contribui para o conhecimento sobre a variação no tratamento dos hiatos no espaço do Português Europeu e, de um modo mais amplo, para a compreensão da variação da prosódia no Português e nas línguas Românicas.

Palavras-chave: Fonologia Prosódica, Variação Prosódica, fenómenos de Sândi vocálico, domínios prosódicos, proeminência, antagonismo acentual.

Abstract

This dissertation was developed within the InAPoP - (Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese) project, with the main goal to provide a prosodic description of several vocalic sandhi phenomena, namely vowel merger or deletion of a central vowel, semivocalization of [u] and [i], and deletion of [u]. The empirical basis for the analysis was data collected from a reading corpus comprising eight urban regions (Arcos de Valdevez, Vila Real, Aveiro, Castelo Branco, Évora, Alvor, Funchal e Ponta Delgada). A comparison with previous work on the Standard variety of European Portuguese was made (Frota, 1995, 2000, 2014).

Following the framework of Prosodic Phonology (Nespor & Vogel, 1986/2007), the different strategies for hiatus resolution were analyzed, considering the stressed/unstressed status of V1 and V2, as well as the prosodic domains and the prominence levels involved. We also observed cases of hiatus resolution involving stress clash, which lead to a more detailed analysis of the distance between lexical stress in number of syllables and its impact on the hiatus resolution.

The results showed that all the vocalic sandhi phenomena observed have the Intonational Phrase as their prosodic domain, similar to earlier descriptions for the Lisbon variety. The boundary of this constituent blocks the occurrence of the phenomena here analyzed. It was also observed that lexical stress in any of the vowels (V1 or V2) blocks the occurrence of vowel merger, unlike in the case of semivocalization and vowel deletion, which allow hiatus resolution as long as the stress is on the second vowel (V2) and not on V1. Finally, we observed that the impact of stress clash and the syllabic distance between stresses varied across regions: when the vowel sandhi processes would generate a clash, for the regions in the North and Funchal there is a preference for semivocalization, whereas vowel deletion occurs in the regions of the south and in Ponta Delgada. More in general, regions vary as to the rate of hiatus resolution and processes preference in the resolution of hiatus.

This study contributed for the knowledge of prosodic variation in hiatus resolution in European Portuguese and, more generally, in Romance languages.

Key-words: Prosodic Phonology, Prosodic Variation, Vocalic Sandhi Phenomena, Prosodic domains, prominence, stress clash

Índice Geral

Resumo da Dissertação	i
Abstract	iii
Lista de Figuras.....	vii
Agradecimentos.....	xv
1 Introdução.....	1
2 Enquadramento.....	5
2.1 Variação fonológica segmental no Português Europeu.....	5
2.2 Variação prosódica no Português Europeu	7
2.2.1 <i>Fonologia prosódica</i>	7
2.2.2 <i>Variação prosódica</i>	9
2.3 Resolução de hiatos no Português e noutras línguas Românicas	12
2.3.1 <i>Relevância do acento lexical</i>	12
2.3.2 <i>Relevância dos domínios prosódicos</i>	14
2.3.3 <i>Relevância dos níveis de proeminência superior</i>	16
2.3.4 <i>Relevância da distância silábica entre acentos</i>	17
3 Metodologia.....	19
3.1 Projeto <i>InAPoP</i>	19
3.2 Material Utilizado	20
3.3 Regiões e Informantes	20
3.4 O <i>Corpus</i>	22
3.5 Processamento e pré-processamento dos dados.....	26
4 Resultados e análise dos dados.....	29
4.1 Acento de V1 e V2	30
4.2 Contexto prosódico – Crase, Semivocalização e Apagamento	33
4.3 Níveis de proeminência – Semivocalização e Apagamento	35
4.4 Antagonismo acentual – Semivocalização e Apagamento.....	37
4.5 Distância silábica entre acentos – Semivocalização e Apagamento.....	38
4.6 Notas sobre uma estratégia alternativa para a resolução de hiatos com vogais centrais: o apagamento de [e]	40

5	Discussão e Conclusão	43
	Referências Bibliográficas	49
Anexo I	A	

Lista de Figuras

Figura 1 – Classificação dos dialetos do Português Europeu continental, segundo Cintra (1971), adaptado de Segura & Saramago (2001) 6

Figura 2 – Representação Hierárquica dos Constituintes Fonológicos 7

Figura 3 – Distribuição geográfica dos pontos considerados para análise (Arcos de Valdevez; Vila Real, Aveiro, Castelo Branco, Évora, Alvor, Ponta Delgada e Funchal) 21

Figura 4 – Média de anos de escolarização/grau e de idade das informantes, por ponto de recolha. 22

Figure 5 – Fiadas para anotação ortográfica e fonética, do tipo de fronteira prosódica entre as vogais do hiato e presença/ausência de processo fonológico, em *Praat*, do enunciado ‘A aluna africana ofereceu flores às colegas japonesas’ (Informante AR, da região de CtB). 25

Figura 6 – Fiadas para anotação ortográfica e fonética da frase, do tipo de fronteira prosódica entre as vogais do hiato e presença/ausência de processo fonológico, em *Praat*, do enunciado ‘O músico apenas dedicou a canção à mãe’, com a sequência [u e] realizada como [w e] (Informante RR, da região de ArV). 26

Figura 7 - Fiada para a anotação do código referente a cada enunciado, feita em *Praat* (Informante AC da região de Vila Real → ViR). 27

Figura 8 – Percentagem de resolução ou não de hiatos (‘RH’ e ‘NR’, respetivamente) em todos os contextos, com sequências de vogais centrais [e] [e], de vogal recuada [u] [a] e casos com [i] [a], por região. 29

Figura 9 – Ocorrência e não ocorrência de crase (‘VM’ e ‘NO’, respetivamente), por região, quando ambas as vogais são átonas. Percentagens (eixo y) e números absolutos (interior das barras). 31

Figura 10 – Ocorrência e não ocorrência de SV e BVD (‘SV’, ‘BVD’ e ‘NO’, respectivamente), por região, quando V1 é átona e V2 átona ou tónica (‘V’ ou ‘V’’, respectivamente). Percentagens (eixo y) e números absolutos (interior das barras). 32

Figura 11 – Ocorrência e não ocorrência de crase (‘VM’ e ‘NO’, respectivamente), por região tendo em conta três condições prosódicas (1 – Dentro de PhP; 2 – Entre PhP e 3 – Entre IP). Percentagens (eixo y) e números absolutos (interior das barras). 33

Figura 12 – Ocorrência e não ocorrência de SV e BVD (‘SV’, ‘BVD’ e ‘NO’, respectivamente), por região, tendo em conta três condições prosódicas (1 – Dentro de PhP; 2 – Entre PhP e 3 – Entre IP). Percentagens (eixo y) e números absolutos (interior das barras). 34

Figura 13 – Ocorrência e não ocorrência de SV e BVD (‘SV’, ‘BVD’ e ‘NO’, respectivamente), por região, tendo em conta os níveis de proeminência dentro de PhP (V2 cabeça/não cabeça de PhP). Percentagens (eixo y) e números absolutos (interior das barras). 36

Figura 14 – Ocorrência e não ocorrência de SV e BVD (‘SV’, ‘BVD’ e ‘NO’, respectivamente), por região, em contextos onde existe antagonismo acentual, por região. 37

Figura 15 – Ocorrência e não ocorrência de SV e BVD (‘SV’, ‘BVD’ e ‘NO’, respectivamente), por região, em contextos onde existe uma ou mais sílabas (‘1’, ‘1+’) entre o acento da primeira palavra e o da segunda, por região. Percentagens (eixo y) e números absolutos (interior das barras). 39

Figura 16 – Ocorrência e não ocorrência de VDa (‘NO’ e ‘VDa’, respectivamente), quando situações de V1 e V2 átonos e V1 átona e V2 tónico, por região, quando V1 é átona e V2 átona ou tónica (‘V’ ou ‘V’’, respectivamente). Percentagens (eixo y). 40

Figura 17 – Ocorrência de VDa tendo em conta a posição do hiato com vogais centrais em três posições prosódicas (1 – Dentro de PhP; 2 – Entre PhP e 3 – Entre IP) 41

Símbolos e Abreviaturas

Ale	Região do Alentejo
ALEAç	Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores
ALEPG	Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza
Alg	Região do Algarve
Alv	Região de Alvor (Algarve)
ArV	Região de Arcos de Valdevez (Viana do Castelo)
Avo	Região de Aveiro (Aveiro)
BVD	Back vowel deletion / Apagamento de vogal recuada
CL	Clítico (item lexical sem acento lexical)
CORDIAL-SIN	<i>Corpus</i> Dialectal para o Estudo da Sintaxe
CtB	Região de Castelo Branco (Castelo Branco)
Erm	Região de Ermesinde (Porto)
Eva	Região de Évora (Évora)
Fuc	Região do Funchal (Ilha da Madeira, Arquipélago da Madeira)
F	Foot / Pé
F0	Frequência Fundamental
HDPC	Hipótese dos Domínios Prosódicos Compostos
InAPoP	Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese / Atlas Interativo da Prosódia do Português
IP	Intonational Phrase / Sintagma Entoacional
IPA	International Phonetic Alphabet / Alfabeto Fonético Internacional
IP ^{max}	Sintagma entoacional que domina outro sintagma entoacional (num domínio prosódico composto)
IP ^{min}	Sintagma entoacional dominado por outro sintagma entoacional (num domínio prosódico composto)
NEP	Northern European Portuguese / Português Europeu do Norte (Braga)
PB	Português do Brasil

PE	Português Europeu
Por	Região do Porto (Porto)
PhP	Phonological Phrase / Sintagma Fonológico
PtD	Região de Ponta Delgada (Ilha de São Miguel, Arquipélago dos Açores)
PW	Prosodic Word / Palavra Prosódica
PWG	Prosodic Word Group / Grupo Palavra Prosódica
SLH	Strict Layer Hypothesis
SV	Semivocalização
S	Sujeito
SEP	Standard European Portuguese (Lisboa)
Syl	Syllable / Sílaba
U	Utterance / Enunciado
V	Verbo
V	Vogal (átona)
V'	Vogal (tónica)
V1	Primeira vogal do contexto de hiato
V2	Segunda vogal do contexto de hiato
ViR	Região de Vila Real (Vila Real)
VM	Vowel Merger / Crase
[]	Transcrição fonética
()	Transcrição prosódica

Agradecimentos

Os meus primeiros agradecimentos vão para os meus pais e para os meus avós, sem eles, nada tinha alcançado, tanto profissionalmente, como pessoalmente. Deram (e dão) tudo o que têm por mim.

À minha orientadora, a Professora Sónia. Obrigado por me abrir as portas do Laboratório de Fonética há sete anos atrás e obrigado por fazer sempre tudo o que estava ao seu alcance para me ajudar, para me ensinar e para me aconselhar. À Professora Marina, que apesar de não ter sido orientadora oficial, sinto que ainda assim o tenha sido, pois, para além da Professora Sónia, foi quem mais de perto seguiu o meu percurso e o meu trabalho, especialmente nesta fase final, cujos comentários e correções foram cruciais para o desenvolvimento desta dissertação. Um profundo e sentido obrigado a ambas por tudo.

A todos os meus colegas de laboratório. Sem todos vocês este trabalho nunca seria possível. À Marisa. Obrigado por tudo, por todo o apoio, pela amizade durante todos estes anos, por teres sido sempre uma excelente conselheira. À Cátia. Obrigado acima de tudo pela amizade, pelas nossas longas conversas e pela companhia (e também por não teres ficado muito chateada comigo quando fiz asneiras ☺). Ao Pedro. O meu colega de viagens, obrigado pelas gargalhadas e pelas conversas de prosódia. Obrigado também pela amizade que inevitavelmente se criou, ao fim de tantas horas a aturarmo-nos um ao outro. À Nádia. Obrigado pelas leituras atentas, pela companhia (apesar de estarmos de costas um para o outro ☺) e desculpa teres almoçado tardíssimo no último dia por minha causa. À Su. Obrigado por me receberes, por me fazeres sentir parte desta família e por me fazeres sentir em casa. Ao Nuno. Obrigado pelos almoços, pela amizade e pelas piadas. Ao Joe. Obrigado pelas ajudas com o inglês e obrigado por sempre me responderes, sempre que te fazia perguntas parvas sobre estatística. À Joelma. Obrigado pelas nossas conversas sobre o Português do Brasil. À Aline e ao Caio. Obrigado pela amizade transatlântica. Ao Bruno. Obrigado pelo teu trabalho, sem o qual, teria demorado bastante mais tempo a concluir esta dissertação. Ao Simão. Obrigado pelas conversas sobre super-heróis e sobre Harry Potter e tudo o resto. E a todos os outros, à Alexandra, ao Ertu, à Shuang, à Barbara e à Lilian.

À Joana por me aturar todos os dias.

Às minhas colegas da sintaxe. Aida e Silvana, obrigado pelas conversas e por estarem sempre disponíveis.

À D. Arlete, à Sofia, à D. Fátima e ao Diogo dos serviços académicos.

Aos meus amigos fora da faculdade. Obrigado por todo o apoio.

Gostava ainda de agradecer a diversas instituições/pessoas, sem as quais as recolhas de dados, e por consequência esta dissertação, não teriam sido possíveis. Agradeço à Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, ao Centro Social e Paroquial do Vale (Arcos de Valdevez), à Junta de Freguesia de Vera Cruz (Aveiro), à Universidade dos Açores, à Biblioteca Municipal Júlio Teixeira (Vila Real), à Junta de Freguesia de Alvor, pelo apoio logístico fulcral.

À Professora Márcia Telo, da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros, pelo auxílio com as recolhas de dados na Ilha da Madeira.

À D. Lurdes, dos serviços académicos, pela simpatia e pela disponibilidade para me acolher a mim e ao meu colega Pedro, quando precisámos de um sítio para ficar enquanto fazíamos recolha de dados em Castelo Branco.

1 Introdução

Existem vários estudos que abordam a temática da resolução de hiatos. Este fenómeno ocorre não só no Português (Sá Nogueira, 1938; Andrade & Viana, 1993; Ellison & Viana 1996) mas também em outras línguas (Casali, 1997, 2011; Hall 2011, 2013). Esta resolução pode ser feita através de vários mecanismos como a crase, semivocalização, apagamento, inserção de uma vogal epentética, entre outros. Os estudos mais recentes sobre a resolução de hiatos no Português Europeu (PE) foram desenvolvidos numa perspetiva prosódica, incidindo sobre o Português *Standard* e não incluindo, até há pouco tempo¹, regiões fora da área da região de Lisboa. Neste trabalho, investiga-se a ocorrência de sândi vocálico entre duas vogais centrais (crase) e apagamento ou semivocalização de vogal recuada [u] ou vogal alta [i] no Português falado em diversas regiões de Portugal. Propomo-nos, assim, acrescentar novos elementos ao já conhecido a partir da análise sistemática do sândi vocálico feita no Português Europeu Standard, falado na região de Lisboa, (*Standard European Portuguese* - SEP).² É assim nossa intenção fornecer nesta dissertação uma descrição detalhada da variação prosódica destes fenómenos de sândi no espaço do Português Europeu.

Seguimos a metodologia utilizada por Frota (2000) para analisar prosodicamente dados provenientes de oito regiões diferentes, três no Norte do País (Arcos de Valdevez, de agora em diante ArV; Vila Real, de agora em diante ViR; Aveiro, de agora em diante Avo) e três no Centro-Sul (Castelo Branco, de agora em diante CtB; Évora, de agora em diante Eva; Alvor, de agora em diante Alv). Para além de Portugal Continental foram também consideradas a região de Ponta Delgada (de agora em diante PtD) e a região do Funchal (de agora em diante Fuc). O alargamento a diversas regiões da análise dos fenómenos de sândi em investigação visa, numa fase futura, cartografar e caracterizar cada fenómeno, por região.

Nesta dissertação é feita uma descrição prosódica de três fenómenos de natureza segmental. A análise incide sobre a distribuição desses três fenómenos aqui

¹ Uma análise preliminar dos dados que aqui apresentamos foi feita em Paulino & Frota (2015) e, mais recentemente, em Paulino, Oliveira & Vigário (aceite).

² Ver em particular Frota (2000).

tratados tendo em conta a localização dos hiatos na estrutura prosódica, assim como os níveis de proeminência das sílabas do hiato ou adjacentes. Para além dos níveis de proeminência em constituintes prosódicos superiores, é também avaliado o efeito na resolução do hiato do acento lexical das palavras envolvidas, uma vez que o acento lexical foi identificado na literatura como crucial para a ocorrência ou não de alguns dos fenómenos aqui estudados (Sá Nogueira, 1938; Ellison & Viana, 1996; Frota, 2000; Paulino & Frota, 2015). Ainda tendo em conta a proeminência, observa-se também o que acontece ao hiato quando a aplicação de um eventual processo de resolução de hiato resulta num antagonismo acentual, ou quando, pelo contrário, permanecem uma ou mais sílabas entre acentos.

Entende-se por um hiato uma sequência de duas vogais adjacentes. No caso em estudo, investigam-se hiatos entre palavras, formados por uma vogal em final de palavra (V1) e outra em início de palavra (V2).

Os fenómenos aqui tratados ocorrem em dois contextos específicos, entre duas vogais centrais podendo V1 ser realizado como [a], [ɐ] ou [ẽ] e V2 como [ɐ] ou [ẽ]. O outro contexto diferente aqui analisado é entre vogal [u] ou [i] e uma vogal central [ɐ] ou nasal [ẽ̃]. No contexto entre vogais centrais, diversos mecanismos podem ser utilizados para a resolução do hiato, tais como: (i) crase, (ii) apagamento de V1, (iii) a realização do hiato como uma vogal alongada ou (iv) inserção de pausa entre as duas vogais (Frota, 2000; 2014 para o PE). No contexto entre a vogal recuada [u] ou [i] e [ɐ], os fenómenos segmentais possíveis são a semivocalização (SV) ou o apagamento (de agora em diante BVD, do termo ‘back vowel deletion’).

A crase entre vogais centrais consiste na fusão de duas vogais centrais átonas abertas [ɐ ɐ] → [a], como em <...alun[ɐ] [ɐ]fricana...> → <...alun[a]fricana>. Por razões que se explicam mais adiante, assume-se que há apagamento de V1, e não crase, quando apenas uma das vogais centrais se realiza, como em <...alun[ɐ] [ɐ]fricana...> → <...alun[ɐ]fricana>. O alongamento ocorre quando apenas uma vogal se realiza, mas com um aumento perceptível da duração, como em <alun[ɐ] [ɐ]fricana...> → <alun[ɐ:]fricana...>. Quando V1 é [u], o hiato pode não se resolver ou V1 pode semivocalizar ou ser elidida, como em <...músic[kw]ama...> e <...músi[kɐ]ma...>. Quando V1 é [i] tónico pode ainda haver apagamento da vogal subsequente [a] como em <Ouv[i] [a]penas...>.

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto *InAPoP - Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* (PTDC/CLELIN/119787/2010, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia), em curso no Laboratório de Fonética & Lisbon Baby Lab da Universidade de Lisboa entre 2012 e 2015 (Frota (coord.), 2012-2015). Este projeto visa a recolha e tratamento de dados de fala em Portugal Continental e Ilhas, tendo como *output* principal o desenvolvimento de um atlas interativo da prosódia do Português³. Com o nosso estudo pretende-se contribuir para o conhecimento da variação prosódica no Português Europeu, comparando os dados aqui analisados com os analisados em Frota (2000), para o Português Europeu *standard* (SEP).

Esta dissertação organiza-se do seguinte modo. No capítulo 2 são apresentadas as linhas fundamentais que enquadram este estudo, sendo feita uma descrição da variação fonológica segmental (secção 2.1) e prosódica (secção 2.2.) no PE, assim como das principais estratégias para a resolução de hiatos e dos fatores que as podem condicionar, no Português e noutras línguas românicas (secção 2.3). Feito o enquadramento da dissertação, segue-se o capítulo 3, onde é apresentada a metodologia utilizada na recolha, assim como no tratamento e análise dos dados.

No capítulo 4 apresentam-se os resultados obtidos, referentes à ocorrência da Crase (de agora em diante VM, do termo ‘Vowel Merge’), que pode afetar a sequência de vogais centrais, e de SV e BVD, que podem operar no contexto [u ɐ] ou [i ɐ]. Para cada um, são avaliados os diversos fatores que se sabe poderem afetar a resolução de hiatos.

Finalmente, no capítulo 5 são discutidos os resultados, extraídas as principais conclusões deste estudo e sistematizadas algumas das questões em aberto para análise futura.

³ A plataforma interativa do InAPoP pode ser acedida online: <http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/>

2 Enquadramento

Neste capítulo pretende-se fornecer elementos essenciais para o enquadramento do nosso estudo. Em primeiro lugar, é feita uma descrição geral e sucinta da variação fonológica segmental e da variação prosódica no PE, onde é dada uma maior ênfase aos contributos dados nos últimos anos para o avanço do conhecimento sobre a variação da fonologia prosódica no Português Europeu. Posteriormente, é feita uma descrição da resolução de hiatos e dos aspetos prosódicos relevantes para a ocorrência dos fenómenos de sândi que são tratados nesta dissertação, assim como de outros fenómenos de sândi consonântico, que têm sido alvo de estudo intensivo no PE. É dado particular relevo aos fenómenos de sândi vocálico: o fenómeno da crase, da semivocalização e do apagamento de vogal recuada [u]. São ainda referidos alguns aspetos do comportamento destes fenómenos em línguas românicas como o Galego e o Catalão e na variedade do Português do Brasil.

2.1 Variação fonológica segmental no Português Europeu

Uma das propostas mais importantes para a divisão dos dialetos em Portugal foi elaborada por Cintra (1971). Esta divisão foi feita tendo em conta vários fenómenos segmentais de cariz fonético-fonológico, dando origem a dois grandes grupos dialetais, o grupo dos dialetos setentrionais e o dos dialetos Centro-Meridionais, que se subdividem da seguinte forma: (i) Dialetos Setentrionais - Transmontana e Alto-Minhota, e Baixo Minhota, Duriense e Beirã e (ii) Dialetos Centro-Meridionais - Litoral Centro e Interior Centro e Sul, que podem ser observados na Figura 1.

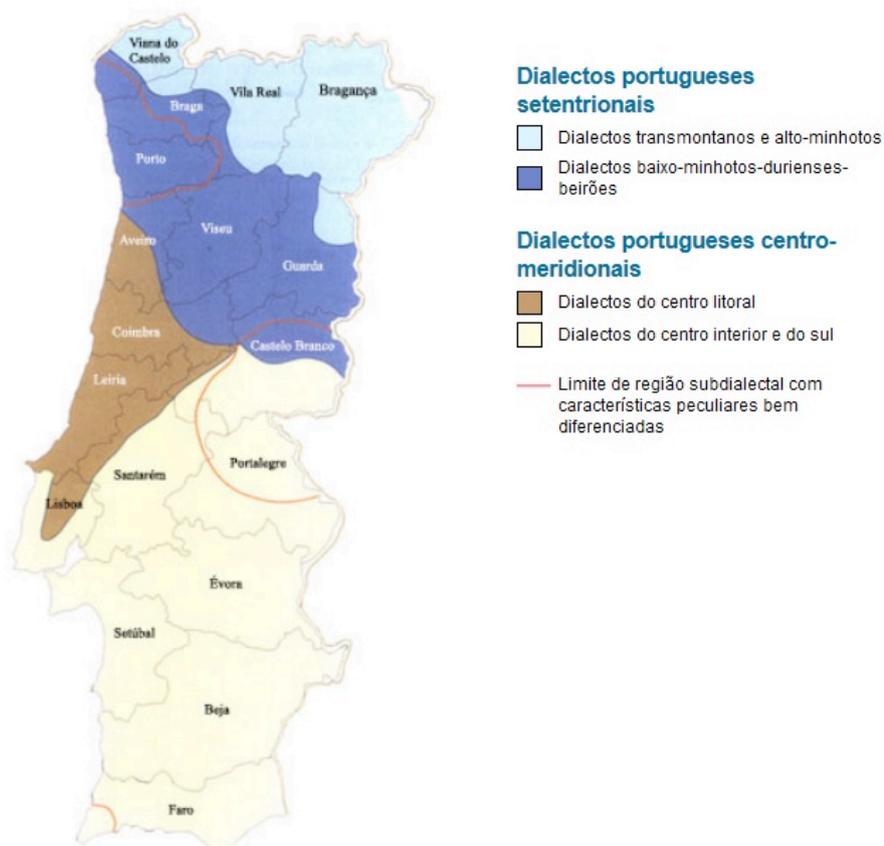


Figura 1 – Classificação dos dialetos do Português Europeu continental, segundo Cintra (1971), adaptado de Segura & Saramago (2001)

Os dialetos podem ser distinguidos, como já foi mencionado, com base em fenómenos segmentais de natureza fonético-fonológica. No grupo dos dialetos Setentrionais, os dialetos Transmontanos e Alto-Minhotos caracterizam-se pela manutenção de um sistema de quatro sibilantes (as fricativas prédorsodentais surdas [s] e sonora [z] e as consoantes ápico-alveolares correspondentes [ʃ] e [ʒ]). Os dialetos Baixo Minhotos-durienses-beirões são caracterizados pela redução deste sistema de 4 sibilantes a apenas duas ápico-alveolares [s] e [z] (Cintra, 1971: 102).

O outro grande grupo dialetal (Centro-Meridional) subdivide-se em duas regiões que também diferem entre si. A região do Interior Centro e Sul é caracterizada pela redução do ditongo [ej] a [e], sendo que Lisboa apresenta um comportamento similar ao que acontece na região do Litoral Centro, onde existe a produção do ditongo [ej], sendo, no entanto, produzido como [ɐj] (Cintra, 1971; Segura, 2013).

2.2 Variação prosódica no Português Europeu

Diversos aspetos da fonologia prosódica do PE foram estudados da perspectiva da variação dialetal, utilizando o aparato teórico da fonologia prosódica e as metodologias de análises desenvolvidas nos estudos sobre o Português Europeu *Standard* (SEP), favorecendo assim um trabalho comparativo. Isso mesmo é feito também nesta dissertação. Assim, antes de passarmos em revista os principais estudos sobre variação prosódica do PE, faremos uma breve apresentação dos fundamentos teóricos da fonologia prosódica, que aqui adoptamos.

2.2.1 Fonologia prosódica

Na presente dissertação, aborda-se, da fonologia prosódica, apenas o que diz respeito à organização hierárquica de constituintes.

Segundo Nespor & Vogel (1986/2007), os domínios prosódicos: o Enunciado (U), o Sintagma Entoacional (IP), o Sintagma Fonológico (PhP), a Palavra Prosódica (PW), o Pé (F) e a Sílaba (Syl)⁴. Estes domínios são organizados hierarquicamente, de acordo com a seguinte disposição:

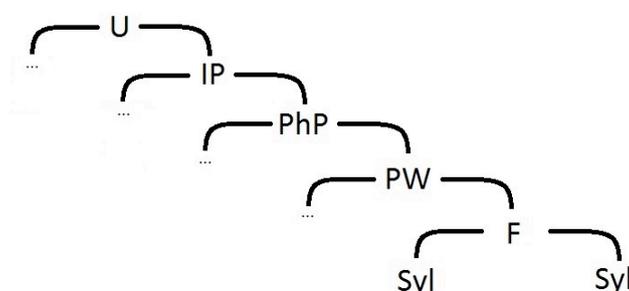


Figura 2 – Representação Hierárquica dos Constituintes Fonológicos

Na figura 2 podemos observar parte da hierarquia dos constituintes prosódicos adotada por Nespor & Vogel, em 1986/2007. Estes constituintes são formados com base em princípios de boa formação em termos fonológicos (como a *Strict Layer*

⁴ Os símbolos utilizados aqui para identificar os constituintes prosódicos têm origem nas siglas correspondentes aos nomes dos constituintes em Inglês: U - *Utterance*, IP - *Intonational Phrase*, PhP - *Phonological Phrase*, PW - *Prosodic Word*, F - *Foot* e Syl - *Syllable*.

Hypothesis – SLH), e também sintáticos, morfológicos ou outros, constituintes esses relevantes para a aplicação de processos fonológicos de natureza diversa.

Segundo a SLH, todo o constituinte prosódico é dominado pelo constituinte imediatamente acima na hierarquia e, inversamente, todo o constituinte domina um constituinte do nível imediatamente abaixo, desde que exista, não podendo dominar um constituinte do mesmo nível. Assim, PW não pode dominar outra PW, o PhP ou o IP mas PhP domina a PW e IP domina tanto o PhP como a PW.

Mais tarde, foi apontado que estas regras eram demasiado restritivas em relação à organização dos constituintes. Ladd (2008), em particular, propôs a *Compound Domain Hypothesis* (CDP – Hipótese dos Domínios Compostos), segundo a qual constituintes de um dado nível podem dominar constituintes desse mesmo nível. Para o PE, Frota (2000, 2014) sustenta esta organização para o nível do Sintagma Entoacional em certas circunstâncias. Nesses casos, um IP, considerado IP^{Max} , domina outros IPs menores (IP^{Min}), sendo que as características de uns e de outros são idênticas havendo apenas uma diferença fonética.

Sobre o PE, diversos estudos investigaram aspetos da fonologia e da gramática da língua crucialmente relacionados com a hierarquia prosódica (Frota 1995, 2000, 2014; Vigário, 2003, 2010). Frota (1995, 2000, 2014) apresenta evidências para a existência do Sintagma Fonológico (PhP) e do Sintagma Entoacional (IP) no SEP. No caso do PhP, este domínio é caracterizado pela ausência de alongamento final. Para além disso, um PhP em interior de IP, não necessita ser marcado com um acento tonal na variedade *Standard* do PE (Frota, 1995, 1998, 2000; Vigário, 1998). O PhP desempenha, contudo, um papel relevante na fonologia da língua, particularmente visível na forma como operam os processos de sândi vocálico e de atribuição tonal, uma vez que estes fenómenos são sensíveis às relações de proeminência definidas no interior deste constituinte. No caso do IP, este é o domínio do contorno entoacional nuclear, e é caracterizado pela presença de alongamento final. A sua fronteira é ainda o local preferencial para inserção de pausa e é o domínio de diversos fenómenos de sândi como a haplologia, a crase, a semivocalização, o vozeamento da fricativa e o apagamento de vogal. Também no PE o domínio destes fenómenos é o IP, pois eles ocorrem no interior deste constituinte e a sua fronteira bloqueia-os (Frota, 2000, 2014). Para além do PhP e do IP, também os níveis imediatamente abaixo na estrutura

prosódica foram estudados sistematicamente. Foi, em particular, discutida a existência de um constituinte do nível do Grupo Clítico (Clitic Group), proposto por Hayes (1989) e adoptado em Nespor & Vogel (1986/2007), mas bastante questionado em muito do trabalho subsequente (Booij, 1996; Peperkamp, 1997; Vigário, 2003), entre outras razões, por se ter percebido, por exemplo, que nas línguas os clíticos se podem ligar a hospedeiros de diferentes categorias prosódicas, incluindo PhP. Um constituinte desse nível foi defendido em Vigário (2010), que colige evidências no sentido de demonstrar que estruturas diversas, incluindo compostos e certas palavras derivadas, integram mais do que uma PW e que se agrupam numa unidade própria, que a autora designa *Prosodic Word Group* (PWG - Grupo de Palavra Prosódica). O PWG tem propriedades distintas tanto de PW como de PhP e situa-se entre esses dois domínios na estrutura prosódica. A autora apresenta pistas para a presença deste constituinte, como a queda de vogal final [-alt] e [-rec], que apenas se aplica no limite de PW dentro de PWG e que é sensível aos níveis de proeminência de PW dentro do domínio de PWG, que podem bloquear o apagamento de [i] final.

A investigação acerca da fonologia dos elementos clíticos em PE foi sistematicamente elaborada em Vigário (2003). A autora define estes elementos como itens sem acento lexical fonologicamente dependentes do hospedeiro (no caso do PE, obrigatoriamente associados a uma PW). A autora estuda também a direccionalidade dos clíticos e nota que a ênclise (e.g. *come-o*) desencadeia estruturas de incorporação à PW e a próclise (e.g. *a caneta*) desencadeia estruturas de adjunção.

2.2.2 Variação prosódica

O conhecimento sobre a variação prosódica tem avançado consideravelmente nos últimos anos. Depois de investigação fundamental intensa sobre a prosódia do Português, em particular do SEP, desenvolvida em especial por Frota (1993, 1995, 2000) e Vigário (1998, 2003), tem-se assistido recentemente a um interesse crescente na expansão do conhecimento sobre a variação prosódica no PE (Cruz, 2013; Barros, 2014; Oliveira, Paulino, Cruz & Vigário, 2014; Frota, 2014; Frota et al., 2015; Oliveira, 2016).

A variação na atribuição tonal e no fraseamento prosódico é estudada numa perspectiva comparativa em Vigário & Frota (2003 e Frota & Vigário (2007), surgindo

depois vários trabalhos que abordam temas como o ritmo, a tipologia entoacional e a análise prosódica de fenómenos segmentais em diversas regiões de Portugal (Cruz, 2013; Barros, 2014; Oliveira et al., 2014; Oliveira, Paulino, Cruz & Vigário, no prelo; Frota et al., 2015; Paulino & Frota, 2015; Oliveira 2016). Esta investigação, tem dado um grande contributo para o conhecimento no domínio da variação do PE, especialmente, na questão dos fenómenos segmentais, até recentemente pouco trabalhados.

Em Frota & Vigário (2007), as autoras comparam uma variedade do Norte do país falada em Braga, designada por *Northern European Portuguese* (NEP), e a variedade de Lisboa (SEP), notando diferenças entre ambas no que toca ao fraseamento prosódico. A variedade *Standard* mostra tendência para frasear uma frase simples com a estrutura S(ujeito)-V(erbo)-O(bjeto) num só sintagma entoacional (SVO), a menos que S seja longo (8 ou mais sílabas), enquanto a variedade de Braga tende a separar S num IP autónomo, mesmo não sendo longo. As autoras observam também que a tipologia dos acentos tonais, contornos nucleares e a densidade tonal revelam algumas diferenças entre estas duas regiões, sendo que a região mais a Norte apresenta uma maior densidade tonal que a variedade de Lisboa.

Mais recentemente, Cruz (2013) faz uma análise sistemática comparativa entre duas regiões do Centro-Sul de Portugal, abordando temas como o fraseamento prosódico, o ritmo e a tipologia entoacional. Estas duas regiões fazem parte do grupo dos dialetos Centro-Meridionais: Castro Verde (distrito de Beja - Ale) e Albufeira (distrito de Faro - Alg). Em ambas as regiões é observada variação no que toca ao fraseamento prosódico. Para o Ale, a autora observa uma semelhança com o NEP, pois também é dada uma preferência ao fraseamento do tipo (S)(VO). Já na região do Alg, atestou-se uma preferência pelo fraseamento usado na variedade *Standard*, ou seja, (SVO).

Para além de existir variação em relação ao fraseamento prosódico, vários estudos mostram também a existência de variação quanto ao ritmo. Diversos autores (Frota & Vigário, 2001; Frota, Vigário & Martins, 2002a,b; Cruz, 2013) revelam a existência de variação não só entre variedades como o Português Europeu e o Português do Brasil (PB), mas também entre variedades das diversas regiões de Portugal Continental. Para perceber estas diferenças, três medidas foram tidas em

conta, duas delas propostas por Ramus, Nespor & Mehler (1999) – a duração de intervalos vocálicos numa dada frase (%V), e a variabilidade duracional dos intervalos consonânticos (ΔC) – e uma terceira medida proposta por Frota & Vigário (2001), por forma a normalizar ou atenuar possíveis efeitos da velocidade discursiva sobre a variabilidade duracional dos intervalos consonânticos ($\Delta\%C$). Esta variação, como já mencionado, não se verifica somente nas variedades do PE e PB, mas também entre as variedades do PE (Cruz 2013; Oliveira, Palma, Barros Neto, Cruz & Frota, 2015 a,b). Cruz (2013) observa que ambas as regiões que analisa (Ale e Alg) apresentam padrões rítmicos distintos: Ale aparenta ter, tal como o SEP, um padrão rítmico misto, enquanto Alg apresenta um padrão rítmico acentual. Oliveira et al. (2015 a, b) estendem o estudo a mais 5 regiões de Portugal Continental e mostram que o interior apresenta um ritmo mais acentual, enquanto o Litoral é tendencialmente mais silábico.

No que diz respeito à abordagem prosódica de fenómenos segmentais, tópico de maior interesse para a presente investigação, Cruz (2013) observa dois tipos de fenómenos segmentais, sendo um deles um fenómeno de sândi consonântico, designado na literatura como vozeamento da fricativa. Este fenómeno aparenta comportar-se da mesma forma nas duas regiões analisadas pela autora (Ale e Alg), e do mesmo modo que o SEP (analisado por Frota, 2000), no que respeita ao domínio prosódico onde o fenómeno pode ou não ocorrer. Em suma, para o vozeamento da fricativa, Cruz (2013) refere, tal como Frota (2000), que o domínio deste é o IP, pois o processo ocorre dentro de IP e a fronteira deste domínio bloqueia a sua ocorrência.

Adicionalmente, Cruz (2013) estuda ainda o fenómeno da epêntese vocálica em final de palavra, denominada paragoge. Este fenómeno foi descrito como ocorrendo nos dialetos Centro-Meridionais (Vasconcellos, 1896, 1897:87; Florêncio, 2001), tendo sido notada a importância do acento de palavra e sua localização na mesma, demonstrando ser sensível à estrutura prosódica. Cruz (2013) explora o fenómeno tendo em conta os diferentes domínios da hierarquia prosódica e conclui que este fenómeno ocorre somente em final de IP, diferenciando-se do vozeamento da fricativa, em que a fronteira de IP bloqueia a sua ocorrência. Ainda na área dos fenómenos segmentais, nos últimos anos tem sido feita uma análise extensiva do fenómeno de inserção de iode que opera no interior de IP, incluindo dentro de PW e, tal como o

fenómeno de sândi consonântico referido acima, é bloqueado por uma fronteira de IP (Oliveira et al., 2014; Oliveira, 2016; Oliveira et al., no prelo).

Entre os processos segmentais que têm sido objeto de estudo numa perspetiva prosódica comparativa estão os fenómenos de sândi vocálico ligados à resolução de hiatos. A sua revisão será feita na secção que se segue.

2.3 Resolução de hiatos no Português e noutras línguas Românicas

A resolução de hiatos tem suscitado interesse na investigação desde cedo. Tem sido, portanto, objeto de estudo alargado por parte de vários autores, tanto no PE (Sá Nogueira, 1938; Andrade & Viana, 1993; Ellison & Viana, 1996; Frota, 2000), como na variedade do PB (Bisol, 2003; Tenani, 2002) e em outras línguas (Casali, 1997, 2011; Fernandez Rei, 2002; Cabré & Prieto, 2005; Hall, 2011, 2013). No caso do PE, só mais recentemente se tem feito uma análise prosódica destes fenómenos com vista a uma comparação entre variedades. Posto isto, e dada a sua importância para o estudo desenvolvido nesta dissertação, nesta sub-secção serão detalhados diversos fatores relevantes para o estudo dos fenómenos de sândi vocálico no PE.

2.3.1 Relevância do acento lexical

Segundo a literatura, o acento lexical desempenha um papel relevante para a (não) ocorrência dos fenómenos que aqui são objeto de estudo. Vários autores identificaram-no como fulcral para a ocorrência de certos fenómenos (Sá Nogueira, 1938; Ellison & Viana, 1994; Frota, 2000). Sá Nogueira (1938) faz uma distinção entre as vogais finais (V1) e iniciais (V2) das palavras intervenientes⁵. Segundo o autor, se a primeira vogal for portadora do acento de palavra, então o hiato não se resolve (ambas as vogais permanecem), já se for V2 que detém o acento, então o hiato pode ou não ser preservado (a resolução do fenómeno é opcional e não obrigatória). Em Andrade & Viana (1993) é dada uma maior importância ao estatuto da segunda vogal (V2). Os autores concluem que, se ambas as vogais não forem portadoras de acento, então o hiato tende a resolver-se. Porém, se uma das vogais receber o acento de palavra e também o acento de frase, então o hiato preserva-se. Como os restantes autores, Frota

⁵ V1 refere-se à última vogal da primeira palavra e V2 à primeira vogal da segunda palavra.

(1995, 2000) evidencia a importância do acento lexical e conclui que para a VM ocorrer, nenhuma das vogais pode ter acento de palavra. No caso de VM apenas, os resultados do estudo experimental de Frota (2000) mostram que a presença de acento de palavra numa das duas vogais do hiato, ou ambas, bloqueia o processo. No caso de BVD e SV, porém, o bloqueio apenas acontece obrigatoriamente quando V1 é portadora de acento lexical, enquanto quando V2 é apenas portadora de acento de palavra, mas não de proeminência de domínio prosódico superior, os processos podem operar.

Na variedade do PB, bem como em outras línguas românicas, como o Catalão ou o Galego, encontram-se diferenças em relação ao PE na possibilidade de ocorrência destes fenómenos. No PB, por exemplo, VM pode ocorrer com V2 acentuada, como em ‘*maraJÁ Árabe*’, não obstante esta situação só é possível se V2 não for cabeça de PhP (Tenani, 2002). Cabré & Prieto (2005) descrevem, para o Catalão, casos em que o acento lexical não bloqueia a ocorrência de fenómenos como VM. Este fenómeno pode ocorrer não só quando uma das vogais é portadora de acento (como V1 em *menú opcional* [u] e em *destí incert* [i]), mas também quando ambas são acentuadas (*això obre la porta* [ɔ]). VM deixa, contudo, de ser possível se V2 for portadora do acento de frase (e.g. *això obre* [ɔ ɔ]). Desta forma, o Catalão apresenta, nestes casos, mais semelhança com o PB do que com o PE, pois para o PE, para existir VM, nenhuma das vogais pode ser tónica, enquanto para o PB ou o Catalão o acento de palavra não bloqueia a ocorrência de VM. Também os fenómenos da SV e BVD operam de maneira diferente no Catalão, pois também estes podem ocorrer em situações em que ambas as vogais do hiato são portadoras de acento de palavra (e.g. *algú obre la porta* [w ɔ]).

A relevância do acento lexical na forma como operam os processos de resolução de hiatos não se restringe a estes três fenómenos aqui analisados, uma vez que é também atestada no processo de inserção de iode para quebrar hiato. Neste caso, para o processo ocorrer, é obrigatório que V2 tenha acento de palavra (Vasconcellos, 1901; Segura, 2013; Oliveira et al., 2014; Oliveira 2016; Oliveira et al., no prelo).

Para o sândi vocálico foram observados, em particular três tipos de fenómenos diferentes: (i) a crase de vogais centrais ou o apagamento de uma dessas vogais, (ii) a semivocalização de [u] ou [i] e (iii) o apagamento de vogal recuada [u]. Entre os principais estudos que se ocuparam destes fenómenos estão Sá Nogueira (1938), Andrade & Viana (1994), e Frota (1995, 2000; 2014), estes últimos investigando em detalhe a relevância dos domínios prosódicos para a aplicação destes processos de resolução de hiato no SEP, como descrito de seguida.

O sândi vocálico possui em geral características semelhantes às dos restantes fenómenos de carácter segmental: sempre que existe uma fronteira de IP a ocorrência do sândi vocálico é bloqueada.

A crase, por exemplo, pode ocorrer dentro de PhP (como em 7) e entre PhP (como em 8) mas não entre IP (como em 9).

- (7) (A aluna)_{PhP} ^{OK}[a]luna
 (8) (A alunaa)_{PhP} (aceitou)_{PhP} (o emprego)_{PhP}
^{OK}alun[a]ceitou
 (9) (A alunaa)_{IP} (após o exame)_{IP} (foi para a discoteca)_{IP} *alun[a]pós
(Frota, 1995: 233)

O mesmo se passa com a semivocalização e apagamento de V1, que constituem estratégias de resolução de hiatos envolvendo a vogal recuada [u], como mostram os exemplos (10)-(12): os fenómenos são possíveis dentro (10) e entre PhP (11), mas bloqueados entre IP (12).

- (10) (As oito oalunas)_{PhP} ^{OK}oitalunas
 (11) (O omúsico)_{PhP} (oceitou sempre)_{PhP} (o melhor papel)_{PhP}
^{OK}musicaceitou
 (12) (O músicoo)_{IP} (opós a audição)_{IP} (saltou para a plateia)_{IP} *musicapós
(Frota, 2000: 84)

Em resumo, todos os fenómenos de sândi aqui descritos demonstram ser sensíveis aos domínios prosódicos, em particular IP. Contudo, é importante sublinhar que, mais recentemente, estudos centrados na inserção de glide para quebrar hiato mostram que

este fenómeno de sândi vocálico tem o PWG como domínio e não o IP (Oliveira et al., 2014; Oliveira, 2016; Oliveira et al., no prelo).

Como veremos em seguida, outros fatores têm também um papel na resolução de encontros vocálicos.

2.3.3 Relevância dos níveis de proeminência superior

A relevância dos níveis de proeminência superiores à palavra (ou acento de frase) começou por ser observada por Sá Nogueira (1938). Nas suas observações sobre a resolução de hiatos, o autor identifica o acento de frase como um fator importante na resolução de certos fenómenos. Segundo Sá Nogueira, VM não pode ocorrer se V1 for acentuada, mas só se esta possuir também o acento de frase. Esta observação não é corroborada pela investigação experimental mais recente de Frota (1995, 2000), já que nos dados da autora basta uma das vogais ser acentuada para VM ser bloqueada, deixando por isso os níveis de proeminência superior de poder ter efeito na realização deste fenómeno. O caso é diferente quando olhamos para a ocorrência de SV ou BVD, que, apesar de se aplicarem ambos no domínio do IP e serem bloqueados pelo acento em V1, não são necessariamente bloqueados na presença de acento em V2. Assim, a autora investigou a importância dos níveis de proeminência na ocorrência da SV e BVD, concluindo que os dois processos são sensíveis de modo diferente à proeminência superior. Existem casos em que só um dos fenómenos é possível (12) e outros em que tanto a SV como a BVD podem ocorrer (13).

(12)(O músico)_{PhP} (ama)_{PhP} (a bailarina russa)_{PhP} *músicama;^{ok}músic[w]ama

(13)(O bailarino)_{PhP} (anda sempre)_{PhP} (...)_{PhP} ^{ok}bailarianda; ^{ok}bailarin[w]anda

(Frota, 2000: 87-88)

Em (12) V2 é cabeça de PhP o que bloqueia a ocorrência de BVD. Já em (13) V2 não é portador do acento sintagmático, portanto a BVD já pode ocorrer, ou seja, sempre que V2 é cabeça de PhP só SV pode ocorrer. Em resumo, apesar de ocorrerem no mesmo domínio prosódico, VM, SV e BVD mostram diferente sensibilidade aos diversos níveis de proeminência prosódica.

Mais recentemente, Vigário (2010: 499-503) demonstra que a queda da primeira vogal átona num encontro vocálico, qualquer que seja a sua qualidade, incluindo a vogal fonológica não-recuada, é bloqueada se V2 receber proeminência de PWG. Assim, não é possível a elisão de V1 numa sequência como ((porta-óculos)_{PWG} castanho)_{PhP}.

Os níveis de proeminência revelam-se importantes na ocorrência destes fenómenos não só no PE, mas também na variedade do PB e noutras línguas românicas. O Catalão, o Galego e o PB permitem, contrariamente ao PE, a ocorrência de VM, SV e BVD quando existe acento de palavra em V2, mas apenas se V2 não for portador do acento de frase, pois, se o for, o hiato preserva-se. Assim, nestas línguas, o fator que parece ter mais impacto na ocorrência destes fenómenos é o acento de frase, pois é a proeminência frásica sobre V2 que determina a (não) ocorrência de cada um dos fenómenos, tanto da VM como da SV e BVD (Frota, 2000; Tenani, 2002; Cabré & Prieto, 2005).

2.3.4 Relevância da distância silábica entre acentos

Um outro aspeto relacionado com as relações de proeminência parece condicionar a possibilidade de aplicação de SV e BVD. De acordo com Frota (1995, 2000), uma distância curta, em número de sílabas, entre os acentos dos constituintes a que pertencem V1 e V2, assim como certos níveis de proeminência, podem conduzir à emergência de antagonismos acentuais e ao bloqueio de SV ou BVD. Os dois processos comportam-se diferentemente quando uma ou duas sílabas ocorrem entre os acentos das palavras a que pertencem as vogais do hiato. No caso de SV, a distância aparenta ser irrelevante, desde que o acento recaia sobre V2. Segundo a autora, SV e BVD são permitidas quando existe uma distância de duas sílabas entre os acentos das palavras envolvidas (e.g. *o MÚsico ANda sempre de limusine preta* → ^{ok}*músicanda*, ^{ok}*músic[w]anda*; *o MÚsico Ama a bailarina russa* → ^{ok}*musicama*, ^{ok}*música[w]ama*⁶). Já em situações em que exista somente uma sílaba entre acentos, apenas SV pode ocorrer, mas não BVD (e.g. *O vesTido ÂMbar foi vendido ontem* → ^{*}*vestidâmbar*,

⁶ Exemplos retirados de Frota (2000: 87)

^{ok}vestid[w]âmbar; o dança**RI**no Ama a bailarina russa → *dançarinama, ^{ok}dançarin[w]ama).

Mais uma vez, diferentemente do que acontece no SEP, o Catalão permite que os fenómenos ocorram quando ambas as vogais sejam acentuadas, permitindo assim o antagonismo, tanto no caso da VM como de SV e BVD. Segundo Cabré & Prieto (2005), o que bloqueia a ocorrência destes fenómenos para o Catalão é apenas a realização de acento de Sintagma Fonológico ou de Sintagma Entoacional em V2. Dito de outro modo, pelo menos no Catalão, o bloqueio de resolução do hiato não parece estar relacionado com o facto de existir antagonismo acentual, mas sim com a presença de acento de frase em V2.

Segundo Fernandez Rei (2002), no Galego, assim como no Catalão, os processos de resolução de hiato nem sempre são bloqueados quando a sua aplicação dá origem a duas sílabas proeminentes adjacentes. Existem, contudo, certos padrões rítmicos em que o antagonismo não é tolerado, sendo nessa altura bloqueados os fenómenos que o podem originar. No caso da BVD, o antagonismo acentual é tolerado se e só se a configuração rítmica resultante da aplicação do processo for 3/4 (entre PWGs, e onde V2 é cabeça de PhP) ou 3/5 (entre PhPs, e onde V2 é cabeça de IP). Nos restantes contextos, sempre que um antagonismo acentual possa ser originado pelo processo de resolução de hiato, o hiato preserva-se.

Em suma, os estudos aqui abordados mostram que a distância entre acentos resultante dos processos de resolução de hiatos pode originar antagonismos acentuais, que, por sua vez, podem ou não ser tolerados, dependendo da língua/variedade em questão. Assim, a (im)possibilidade de ocorrência dos processos de resolução de hiatos que geram antagonismo fica dependente de os antagonismos gerados serem ou não tolerados.

3 Metodologia

No presente capítulo descreve-se a metodologia utilizada no decorrer desta investigação. Desta forma, na primeira secção (3.1), é feita uma apresentação do projeto *InAPoP – Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese*, onde este trabalho se insere. Nas restantes secções, é descrito o material utilizado na recolha (3.2), são identificadas as várias regiões aqui analisadas e é traçado o perfil dos informantes (3.3). Na secção 3.4 é apresentado o *corpus* utilizado para a recolha dos dados e na secção 3.5 são descritos o processamento e análise dos mesmos.

3.1 Projeto *InAPoP*

Os dados analisados neste trabalho foram recolhidos *in loco* no âmbito do Projeto *InAPoP*⁷ – *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* (Frota, coord., 2012-2015). Este projeto integra dados de todos os distritos de Portugal, incluindo um ponto rural e um ponto urbano para cada distrito (totalizando 36). Para além das recolhas em Portugal continental, foram também recolhidos dados na ilha do Funchal (Madeira) e na ilha de São Miguel (Açores), o que perfaz um total de 40 pontos de recolha. A seleção destes pontos foi feita tendo em conta os pontos de recolha do *CORDIAL-SIN-Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (Martins., coord. 2000), que por sua vez teve em conta pontos de recolha do ALEPg e ALEAç.

As recolhas do projeto *InAPoP* foram feitas utilizando quatro tipos de tarefas diferentes. Uma tarefa controlada (Leitura), duas tarefas semi-espontâneas (MapTask e Questionário) e uma tarefa espontânea (Entrevista). Devido à natureza do trabalho, e por conter enunciados com contextos relevantes para este estudo, são utilizados apenas dados provenientes da tarefa de Leitura⁸. Trata-se de uma tarefa controlada, através de uma apresentação em PowerPoint, onde os enunciados são apresentados aleatoriamente, um por slide, com o respetivo contexto, sempre que se justifique, e em dois blocos. Os dois blocos contêm os mesmos enunciados, randomizados numa ordem diferente, o que resulta em, pelo menos, duas produções diferentes por cada

⁷ <http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/>

⁸ Informações sobre as diferentes tarefas podem ser presentemente encontradas em <http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/methodology.html>.

informante. É pedido ao informante para ler cada enunciado de uma forma natural e calma. Por motivos de não condicionamento, o investigador tem o mínimo de intervenção possível. Esta tarefa compreende enunciados com frases provenientes de vários *sub-corpora*, elaborados com vista a abordar diferentes problemáticas da fonologia prosódica, alguns dos quais no âmbito de estudos já desenvolvidos para o PE por Frota e colegas. Neste trabalho serão analisados os dados do *sub-corpus* do sândi vocálico, originalmente construído por Frota (1995, 2000) para o estudo do SEP (ver Anexo 1). A utilização do mesmo *corpus* no estudo das diferentes variedades possibilita a comparação dos resultados.

3.2 Material Utilizado

Os dados foram recolhidos em vídeo e áudio, de modo a obterem-se registos sonoros e de imagem. Foi utilizada uma câmara de vídeo da marca JVC com o modelo GY-HM11E, colocada sensivelmente a um metro e meio da informante, de maneira a captar toda a sua face. Esta câmara grava no formato Quicktime e com uma frequência de 48000 Hz. Para além da gravação em vídeo, foi usado um microfone *headset*, de forma a captar a voz da informante da melhor maneira e com o mínimo de ruído possível.

3.3 Regiões e Informantes

Neste trabalho são analisados dados provenientes de vários pontos geográficos, distribuídos por diversas regiões de Portugal Continental e Ilhas. Os pontos considerados aqui são: Arcos de Valdevez (ArV – distrito de Viana do Castelo), Vila Real (ViR), Aveiro (Avo), Castelo Branco (CtB), Évora (Eva) e Alvor (Alv – distrito de Faro), em Portugal continental, Funchal (Fuc - Ilha da Madeira) e Ponta Delgada (PtG – Arquipélago dos Açores), assinalados no mapa da figura 3.

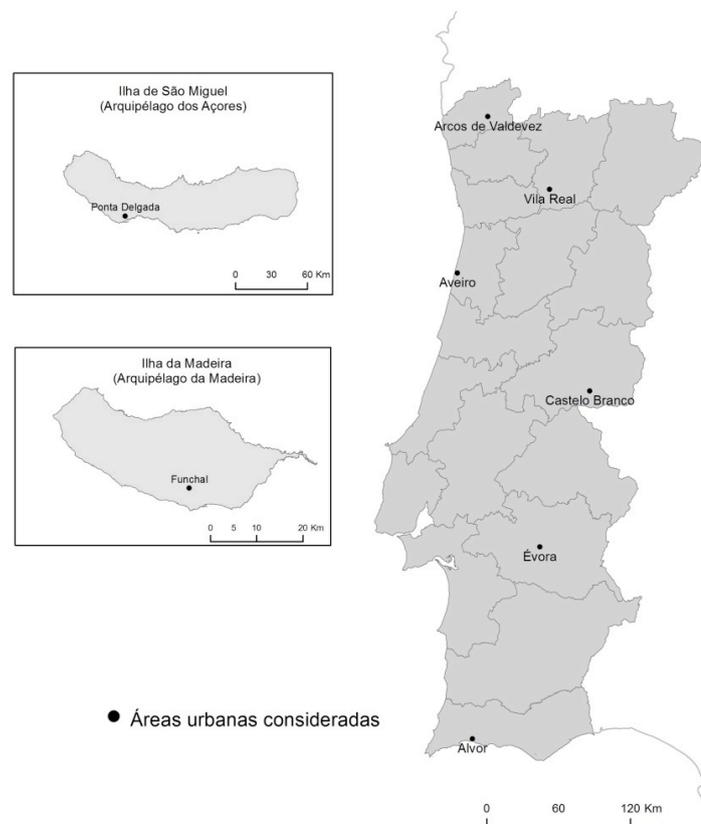


Figura 3 – Distribuição geográfica dos pontos considerados para análise (Arcos de Valdevez; Vila Real, Aveiro, Castelo Branco, Évora, Alvor, Ponta Delgada e Funchal)

As regiões foram selecionadas de forma a obter-se uma distribuição relativamente equilibrada e diversificada ao longo do território Português.

Para cada ponto de recolha, foram gravadas seis informantes, do sexo feminino, pertencentes a duas faixas etárias: três com idades compreendidas entre os 20 e os 45 anos e três com mais de 59 anos. Neste estudo apenas são considerados os dados das informantes da faixa etária mais nova em cada região. Devido a problemas logísticos, apenas foi possível obter dados de duas informantes de ViR e de Alv da faixa mais nova, pelo que nestas localidades são aqui analisados somente dados de duas informantes em vez de três.

As informantes são alfabetizadas, naturais de cada uma das regiões de recolha, não tendo vivido, por longos períodos de tempo, fora da região. No quadro abaixo são

apresentadas as médias das habilitações literárias e de idades das participantes cujos dados são analisados neste estudo, por ponto de recolha.

Região	Habilitações	Média de Idades
ArV	10º Ano	35
VIR	Licenciatura	23
Avo	Licenciatura	27
CtB	Licenciatura	34
Eva	12º Ano	38
Alv	11º Ano	36
PtD	Licenciatura	30
Fuc	Licenciatura	37

Figura 4 – Média de anos de escolarização/graduação e de idade das informantes, por ponto de recolha.

3.4 O Corpus

Todos os dados aqui analisados são provenientes da tarefa de Leitura e fazem parte do sub-corpus designado no projeto InAPoP como *Sandhi Phenomena*. Neste corpus a posição das sequências vocálicas entre palavras é controlada em relação a vários aspetos prosódicos de interesse para este estudo, incluindo o domínio prosódico, o acento lexical, os níveis de proeminência, e a distância entre acentos, como ilustrado nos exemplos abaixo.

Condição: Dentro de PhP, ambas as vogais átonas (V V)

(A aluna **a**fricana)_{PhP} ofereceu flores às colegas japonesas.

(O músico **a**fricano)_{PhP} cantou várias canções.

Condição: Dentro de PhP, V1 tónica (V' V)

(O galã **a**fricano)_{PhP} enviou uma carta à cantora.

(Ouv**i** apenas,)_{PhP/IP} não cheguei a ver o carro.

Condição: Dentro PhP, V2 tónica (V V'), V2 cabeça de PhP

(A caneta **â**mbar)_{PhP} foi vendida ontem.

(O vestido **âmbar**)_{PhP} foi vendido ontem.

Condição: Entre PhP, ambas as vogais átonas (V V)

(A aluna)_{PhP} (**apenas** ofereceu flores)_{PhP} ao professor de matemática.

(O músico)_{PhP} (**aceitou**)_{PhP} o emprego no restaurante.

Condição: Entre PhP, V1 tónica (V' V)

(O galã)_{PhP} (**aceita**)_{PhP} o papel de bandido.

(Ontem **vi**)_{PhP} (**apenas** rapazes)_{PhP} na festa.

Condição: Entre PhP, V2 tónica (V V'), V2 cabeça de PhP

(A aluna)_{PhP} (**ama**)_{PhP} o professor de matemática.

(O músico)_{PhP} (**ama**)_{PhP} a bailarina russa.

Condição: Entre PhP, V2 tónica (V V'), V2 não-cabeça de PhP

(A aluna)_{PhP} (**ama** muito)_{PhP} o irmão mais novo

(O músico)_{PhP} (**anda** sempre)_{PhP} de limusine preta.

Condição: Entre PhP, ambas as vogais tónicas (V' V'), ambas cabeças de PhP

(O galã)_{PhP} (**anda**)_{PhP} de porche

Condição: Entre IP, ambas as vogais átonas (V V)

(A aluna,_{IP} (**após** o exame,_{IP})_{IP} foi para a discoteca.

Condição: Entre IP, V1 tónica (V' V)

(O galã,_{IP} (**até** partir,_{IP})_{IP} não revelou a sua identidade.

(**Vi**,_{IP} (**afrontando** o bandido,_{IP})_{IP} um grupo de crianças.

Condição: Entre IP, V2 tónico (V V')

(A aluna,_{IP} (**antes** de partir,_{IP})_{IP} falou com os colegas.

(O bailarino,_{IP} (**antes** de partir,_{IP})_{IP} falou com os amigos.

Entende-se por crase sequências de vogais [v v] que se fundem numa só vogal, de qualidade diferente, i.e. [a]. Todos os casos em que sequência era [v v], foram considerados não resolução de hiato. Quando apenas uma vogal central média foi realizada, sem alteração da qualidade vocálica, como em alun[v] [v]ma muito → alun[v]ma muito, considerou-se que houve elisão de uma das vogais e não crase. Nos nossos dados o apagamento de V1 com vogais centrais ocorreu somente em casos em que V2 estava em posição pré-nasal e foi atestada apenas nas regiões do Norte, em especial em ArV. Esta realização pode estar relacionada de algum modo com o facto

de todas as informantes dessa região produzirem também [a] em vez de [ɐ] em contexto nasal.

Portanto, em ArV⁹ é frequente o apagamento de V1 e V2 pode ter duas realizações: [a] ou [ã] (e.g. *aluna ama* → *aluna[ame]*; *aluna antes de partir* → *alun[ãtj]*). A realização [ã] em ViR vai ao encontro do que Rodrigues (2012:219) atesta na região de Braga. A autora aponta para a contínua flutuação do autossegmento /N/ que pode ter várias associações. Neste caso em concreto, atestamos [ã] com a associação de /N/ ao núcleo da sílaba e a não atuação da regra de elevação de vogais, não havendo realização consonântica na coda.

A realização dos hiatos foi transcrita perceptivamente por dois investigadores. Um terceiro investigador transcreveu apenas os dados em que houve discordância entre os dois primeiros investigadores, decidindo sobre a transcrição final. Houve uma concordância de aproximadamente 80% entre os investigadores para os fenómenos de VM e de 85% para os fenómenos de SV e BVD. Após a transcrição perceptiva da realização dos hiatos foi feita uma análise espectrográfica em *Praat* (Boersma & Weenink, 2007). Nesta análise foram criadas *textgrids* com quatro fiadas, onde foi feita: (i) a transcrição ortográfica do enunciado; (ii) a transcrição fonética, tendo em conta os fenómenos de sândi (ressilabificação); (iii) a anotação das fronteiras prosódicas ou *break indices* (cf. Frota, 2000, 2014; Frota, Oliveira, Cruz & Vigário, 2015; Vigário 2003, 2010), com os códigos 0 = CL (clítico), 1 = PW (Palavra Prosódica), 2 = PWG (*Prosodic Word Group*), 3 = PhP (Sintagma Fonológico), 4 = IP (Sintagma Entoacional); e (iv) a anotação do resultado do processo em causa (VM, SV e BVD). Obtivemos para esta sequência (VM) 1237 enunciados, tendo sido excluídas todas as produções agramaticais ou leituras não fluentes.

Na Figura 5 é dado um exemplo ilustrativo para uma produção com dois hiatos formados por vogais centrais, ambos realizados com crase.

⁹ Em ArV é frequente o uso de [a] ou [ã] antes de vogal nasal ou com vogal nasal (e.g. *aluna[ame]*; *alun[ãtj]*). Nestes casos, as duas vogais centrais do hiato não têm a mesma qualidade e o resultado do processo não é uma vogal diferente de V1 ou V2, pelo que consideramos que o processo operado não foi a crase, mas sim o apagamento de V1.

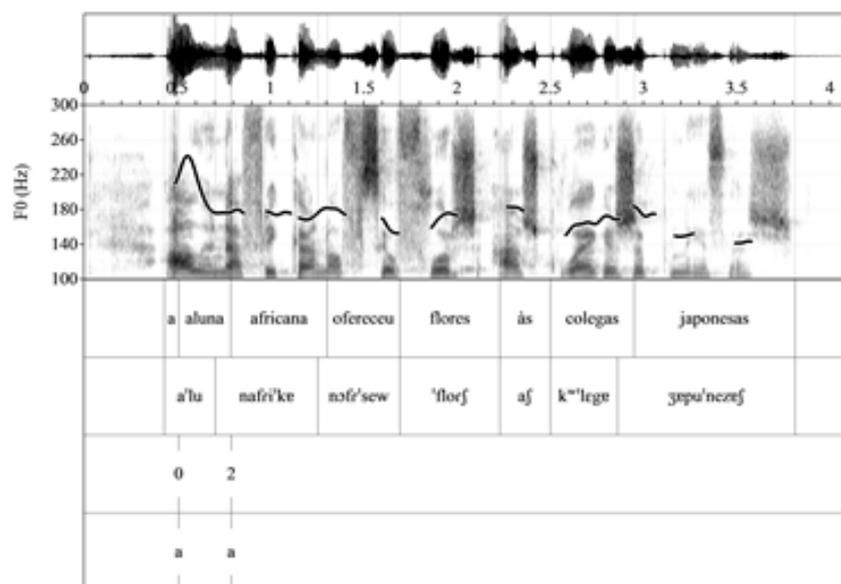


Figure 5 – Fiadas para anotação ortográfica e fonética, do tipo de fronteira prosódica entre as vogais do hiato e presença/ausência de processo fonológico, em *Praat*, do enunciado ‘A aluna africana ofereceu flores às colegas japonesas’ (Informante AR, da região de CtB).

Tal como para os hiatos formados por vogais centrais, também para os formados por V1 alta ou recuada foram controladas as seguintes variáveis: (i) o acento lexical de V1 ou V2, (ii) a condição prosódica, (iii) os níveis de proeminência de V1 e V2 e (iv) a distância entre acentos.

Foram considerados instâncias de SV e BVD todos os casos de sequências de vogais [u ɐ] realizadas com a semivocalização de V1 ([w ɐ]) e o apagamento de V1 ([ɐ]), respetivamente.

A figura 6 ilustra a anotação de uma frase com a sequência [u ɐ] realizada como [w ɐ], considerando os níveis de anotação descritos acima.

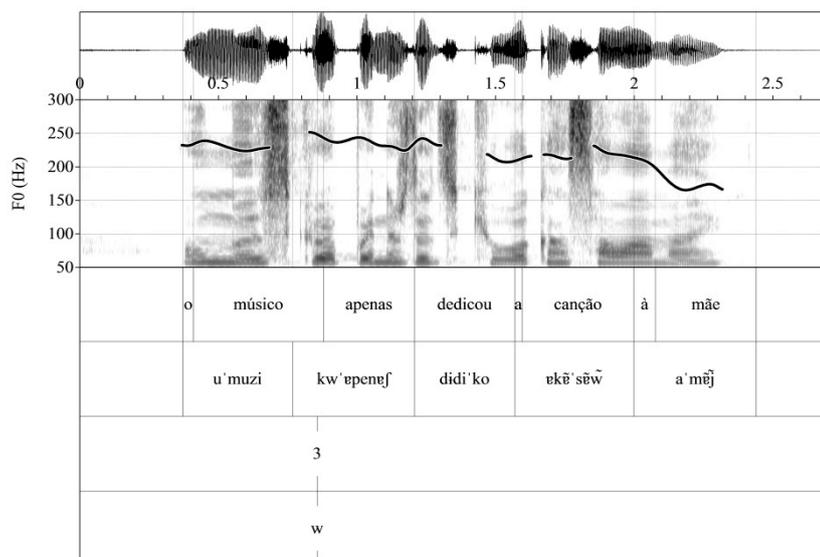


Figura 6 – Fiadas para anotação ortográfica e fonética da frase, do tipo de fronteira prosódica entre as vogais do hiato e presença/ausência de processo fonológico, em *Praat*, do enunciado ‘O músico apenas dedicou a canção à mãe’, com a sequência [u ɐ] realizada como [w ɐ] (Informante RR, da região de ArV).

Para esta sequência (SV ou BVD) foram tidos em conta 640 enunciados, onde também foram excluídas produções agramaticais ou a leitura não fluente.

3.5 Processamento e pré-processamento dos dados

Os dados, antes de serem analisados, passam por um processo relativamente moroso, fundamental para o seu tratamento. São recolhidos *in loco* e registados em formato de vídeo (.mov), com um nome atribuído automaticamente, por defeito. Depois de se renomear os ficheiros, de modo a serem mais facilmente identificáveis, é feita a extração do som para formato .wav, com uma frequência de amostragem de 22050 Hz e em mono. Esta extração é feita através do programa *Pazera Audio Extractor* (ver. 2.1).

Extraído o som, é feita a segmentação de todos os enunciados produzidos na tarefa da Leitura, com o programa *Praat* (ver.5.3.85). A segmentação é feita sobre o ficheiro integral da tarefa de Leitura, criando-se uma *textgrid* com uma só fiada. Em cada enunciado é introduzido um código referente a cada região (e.g. Vila Real → ViR), as iniciais de cada informante (e.g. AC), um código específico identificador do

tipo de enunciado¹⁰ (e.g. Sandhi_17), bem como o número da produção/randomização (e.g. R1), como se pode observar na Figura 7.

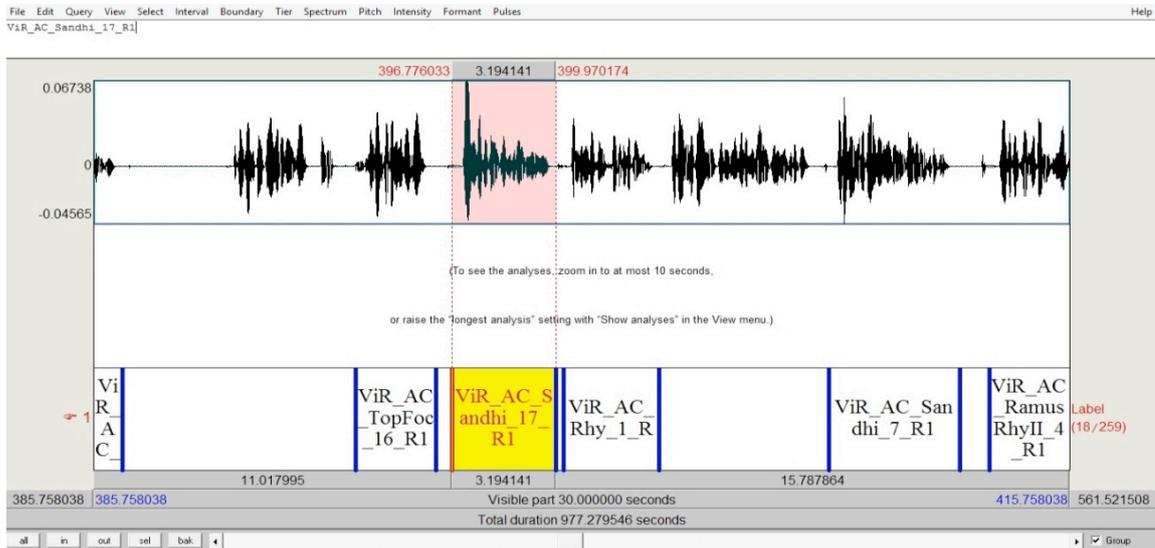


Figura 7 - Fiada para a anotação do código referente a cada enunciado, feita em *Praat* (Informante AC da região de Vila Real → ViR).

Após a segmentação manual de todos os dados é corrido um *script*, que efetua o corte dos ficheiros de som de uma forma automática. Posteriormente, os dados são analisados individualmente.

No capítulo 4, que se segue, são apresentados os resultados e a sua análise e discussão.

¹⁰ Esta anotação é também feita num ficheiro Excel, que possui as randomizações e os códigos dos enunciados.

4 Resultados e análise dos dados

Neste capítulo, é feita a descrição e análise dos dados. A nossa análise tem em conta os fenómenos de resolução de hiatos previamente estudados em Frota (2000), para a variedade *Standard* e seguirá largamente a metodologia aí desenvolvida, apresentada em 3.

O capítulo está dividido em subsecções, onde são consideradas diferentes condições prosódicas que podem afetar a aplicação dos processos de resolução de hiato em estudo: o acento lexical (4.1), a posição dos hiatos na estrutura prosódica (4.2), os níveis de proeminência das vogais em contexto (4.3), o antagonismo acentual (4.4) e a distância entre acentos (4.5). O capítulo termina com umas breves notas sobre uma estratégia alternativa para a resolução de hiatos com vogal central, anteriormente não-descrita (4.6).

Nesta análise é sempre feita uma comparação entre diversas regiões de Portugal Continental e Ilhas (ArV, ViR, Avo, CtB, Eva, Alv, PtD e Fuc).

No geral, os dados demonstraram que, tal como foi visto para outras línguas e para o SEP, os hiatos tendem a ser resolvidos, pois a taxa de resolução de hiato atinge níveis superiores a 50%. Destacam-se aqui as regiões de Alv e PtD, onde a taxa de resolução de hiato ronda os 80%. Embora os valores sejam elevados, estes são sempre inferiores aos 90% encontrados no SEP em Frota (2000).

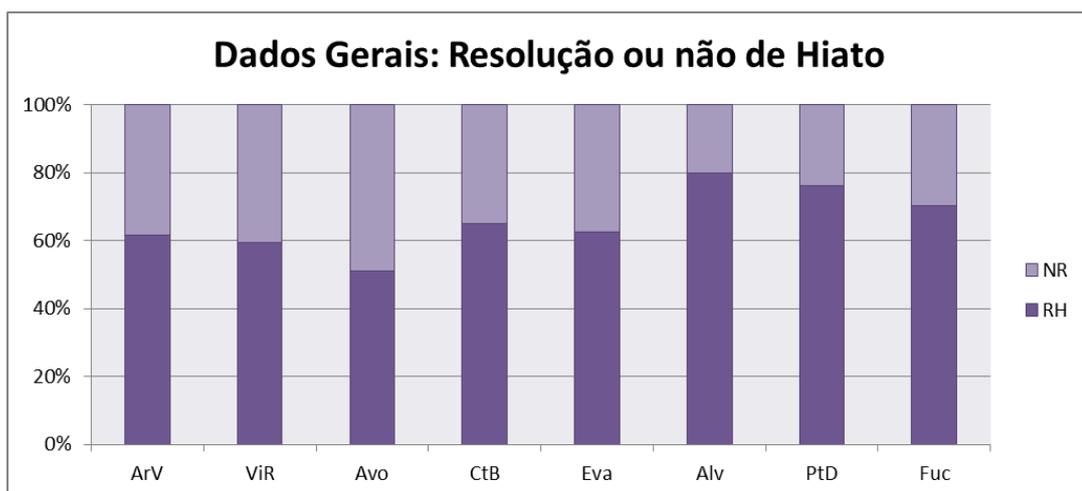


Figura 8 – Percentagem de resolução ou não de hiatos ('RH' e 'NR', respetivamente) em todos os contextos, com sequências de vogais centrais [e] [ɐ], de vogal recuada [u] [a] e casos com [i] [a], por região.

4.1 Acento de V1 e V2

Como vimos no capítulo 2, o acento lexical em cada uma das vogais, seja esta a primeira ou a segunda vogal do hiato (V1 ou V2, respetivamente), mostrou-se como uma restrição relevante na ocorrência de sândi no SEP (Frota, 2000; 2014). Os nossos resultados mostram que também assim o é nos pontos de recolha aqui em estudo, como veremos de seguida, sobretudo para o processo VM.

Tal como no SEP (Frota, 2000; 2014), o acento lexical bloqueia a ocorrência de VM em todas as regiões aqui analisadas. Esse bloqueio dá-se independentemente da vogal do hiato que recebe o acento e da posição na estrutura prosódica das vogais envolvidas, nomeadamente, dentro de PhP (*A caneta **â**mbar]_{PhP} foi vendida]_{PhP} ontem*), entre PhP (*A aluna]_{PhP} **a**ma muito]_{PhP} o irmão mais novo*) ou entre IP (*A aluna,_{IP} **a**ntes de partir,_{IP} falou com os colegas*). O efeito bloqueador do acento de palavra também não é afetado pelos níveis de proeminência das vogais em questão, pois não apenas VM é bloqueada quando V1 recebe proeminência de PhP (*A aluna]_{PhP} **a**ma muito]_{PhP} o irmão mais novo*), como também é bloqueada quando essa vogal não está numa posição proeminente dentro de PhP (*O galã **a**fricano]_{PhP} enviou]_{PhP} uma carta...*). De igual modo, o acento lexical em V2 bloqueia VM quer V2 seja proeminente em PhP (**A aluna]_{PhP} **a**ma]_{PhP} o professor de matemática*) quer não seja proeminente de PhP (**A aluna]_{PhP} **a**ma muito]_{PhP} o irmão....*). Desta forma podemos afirmar que, no caso da VM, o que dita a ocorrência ou não do fenómeno reside, em primeiro lugar, no facto de uma das vogais possuir acento lexical. Por esta razão, os dados que analisamos a partir daqui no caso de VM dizem respeito a contextos em que ambas as vogais são átonas.

Na Figura 9 podemos observar os resultados relativos à VM, excluindo os contextos em que V1 ou V2 são acentuados.

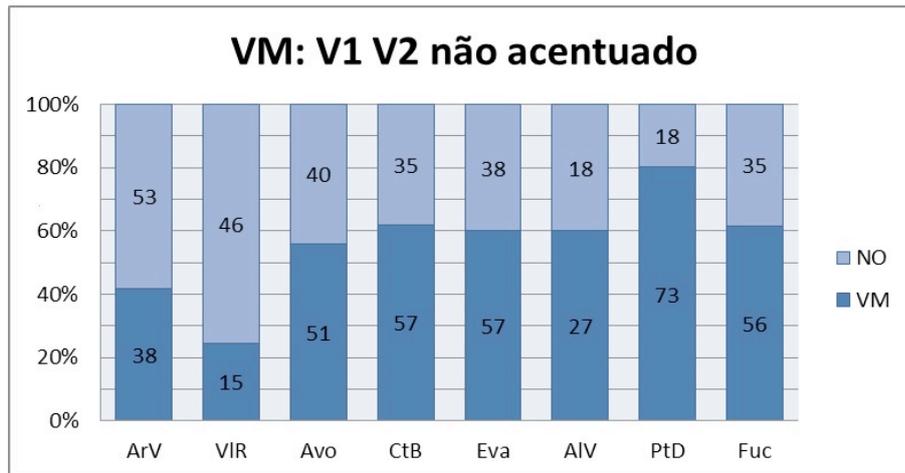


Figura 9 – Ocorrência e não ocorrência de crase (‘VM’ e ‘NO’, respectivamente), por região, quando ambas as vogais são átonas. Percentagens (eixo y) e números absolutos (interior das barras).

Podemos observar que, na maior parte das regiões, a resolução do hiato através de VM encontra-se acima dos 50%, sendo PtD que atinge os valores mais altos de ocorrência do processo (80%). De notar ainda, que no SEP, a incidência de VM atingia também valores de resolução bastante elevados (na ordem dos 90%, Frota, 2000). Assim, a região que mais se assemelha com a de Lisboa é a região de Ponta Delgada.

Pelo contrário, VIR destaca-se pela baixa taxa de ocorrência de VM. Na verdade, nesta última região sobretudo, identificámos um outro processo de resolução de hiato com vogais centrais, que consiste no apagamento da primeira das vogais. Porque este fenómeno não foi descrito no trabalho anterior sobre o SEP, e a sua incidência é diminuta, mas ocorre em todas as regiões aqui analisadas, reservamos a secção final deste capítulo para a sua caracterização sumária nos nossos dados.

Consideremos agora a resolução de hiatos formados por [u] ou [i] e vogal central [e].

Em linha com o descrito na literatura para o SEP, nos nossos dados a SV e a BVD operam de forma diferente da VM, pois estes processos podem ocorrer em situações em que V2 é acentuada. Quando a primeira vogal (V1) do contexto é acentuada, contudo, nenhum dos fenómenos pode ocorrer. Este comportamento contrasta com o encontrado no PB (*sofá azul > sòfazul^{ok}*) por Bisol (2003) onde pode existir recuo acentual, fenómeno que não opera, até onde sabemos, em qualquer variedade do PE.

Visto os processos de SV e BVD não ocorrerem com V1 acentuada, a partir deste ponto passamos a considerar apenas os dados recolhidos em que a primeira vogal do hiato é átona – no nosso *Corpus*, apenas a sequência [u ɐ] ocorre nestas circunstâncias.

Na figura 8 apresentamos a taxa de ocorrência dos dois processos nos nossos dados nos contextos acentuais em que os fenómenos podem ocorrer, isto é quando V1 não é acentuada.

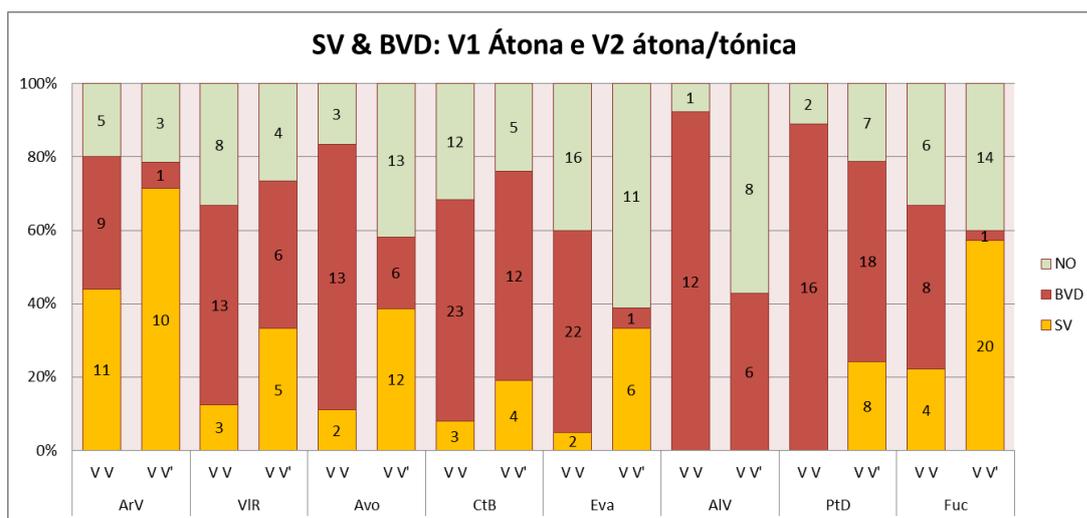


Figura 10 – Ocorrência e não ocorrência de SV e BVD (‘SV’, ‘BVD’ e ‘NO’, respetivamente), por região, quando V1 é átona e V2 átona ou tónica (‘V’ ou ‘V’’, respetivamente). Percentagens (eixo y) e números absolutos (interior das barras).

Tal como podemos observar na Figura 10, encontramos uma grande percentagem de resolução de hiato no contexto [u ɐ], quase sempre acima dos 60%. Contudo, em duas regiões, Eva e AIV, quando V2 é acentuada o hiato tende a ser preservado. Vemos, também, variação na proporção de ocorrência de cada um dos fenómenos nas diferentes regiões: há uma maior incidência de SV na região do Norte, sobretudo ArV, e na ilha da Madeira, enquanto a BVD mostra ser um fenómeno mais recorrente nas regiões do Sul e em Ponta Delgada – no caso de AIV, esta chega a ser mesmo a única estratégia de resolução de hiato atestada.

A sensibilidade ao acento em V2 distingue de modo claro SV e BVD, já que há uma maior incidência de SV quando V2 (V V’) é acentuada do que quando é átona, o que contrasta com a BVD, que é mais frequente quando o contexto alvo é composto por duas vogais átonas (V V).

Em suma, nenhum dos fenómenos aqui tratados (VM, SV, BVD) parece ser possível de se aplicar quando V1 é acentuada. No caso de VM, a presença do acento em qualquer uma das vogais do hiato bloqueia a aplicação do processo, pelo que só em contextos em que ambas as vogais sejam átonas é possível a ocorrência de VM. Já os fenómenos de SV e BVD podem ocorrer quando V2 é acentuado ou não. Para além disso, nas regiões do Norte (especialmente ArV) e Fuc predomina SV, enquanto nas regiões do Centro-Sul e PtD há preferência pela BVD, que é extrema na região mais a Sul (Alv), onde só BVD é permitido.

4.2 Contexto prosódico – Crase, Semivocalização e Apagamento

A posição dos constituintes em relação aos seus domínios, como mencionado na secção 2, é de extrema importância para a realização de todos os fenómenos aqui tratados. Como mencionado ainda na secção 2, a posição das vogais do hiato no interior ou fronteira dos domínios prosódicos está entre os fatores que podem condicionar os processos de resolução de hiatos em estudo. Nesta secção faremos a avaliação deste fator na ocorrência dos fenómenos nas diferentes regiões aqui analisadas.

A frequência de ocorrência de cada um dos fenómenos aqui tratados (VM, SV e BVD) em função das diferentes posições que as vogais do hiato ocupam na estrutura prosódica é apresentada nas Figuras 11 e 12.

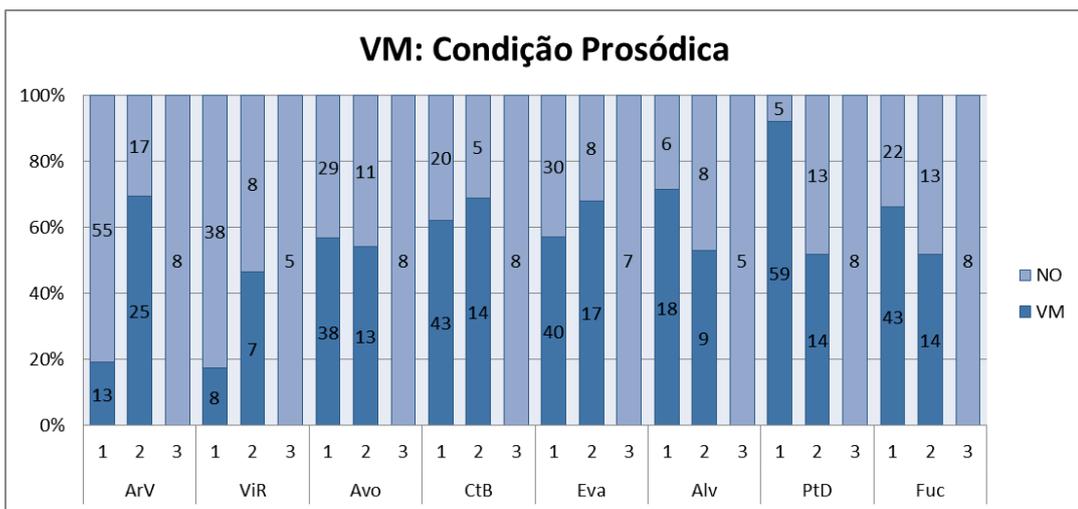


Figura 11 – Ocorrência e não ocorrência de crase (‘VM’ e ‘NO’, respetivamente), por região tendo em conta três condições prosódicas (1 – Dentro de PhP; 2 – Entre PhP e 3 – Entre IP). Percentagens (eixo y) e números absolutos (interior das barras).

Para a VM, podemos observar que a resolução do hiato é sempre bloqueada entre Sintagmas Entoacionais. A não resolução de hiato neste contexto prosódico dá-se em todas as regiões, assim como na região já anteriormente analisada do SEP (Frota, 2000).

Podemos também observar que nas duas regiões mais a Norte (ArV e ViR), a VM ocorre menos dentro de PhP do que nas restantes regiões (mesmo na outra região do Norte Avo). Entre dois PhPs, em todas as regiões há uma frequência equilibrada de VM, já que em todas o fenómeno tem uma taxa acima dos 50%.

De notar que na região de PtD, existe cerca de 95% de VM em interior de PhP, o que pode querer dizer, por hipótese, que o fenómeno é quase obrigatório nesse domínio. Em Alv essa posição também favorece VM relativamente ao contexto entre PhP, mas não tão frequentemente, já que VM atinge os 70%.

O caso da SV e BVD assemelha-se até certo ponto a VM, como podemos observar na Figura 12.

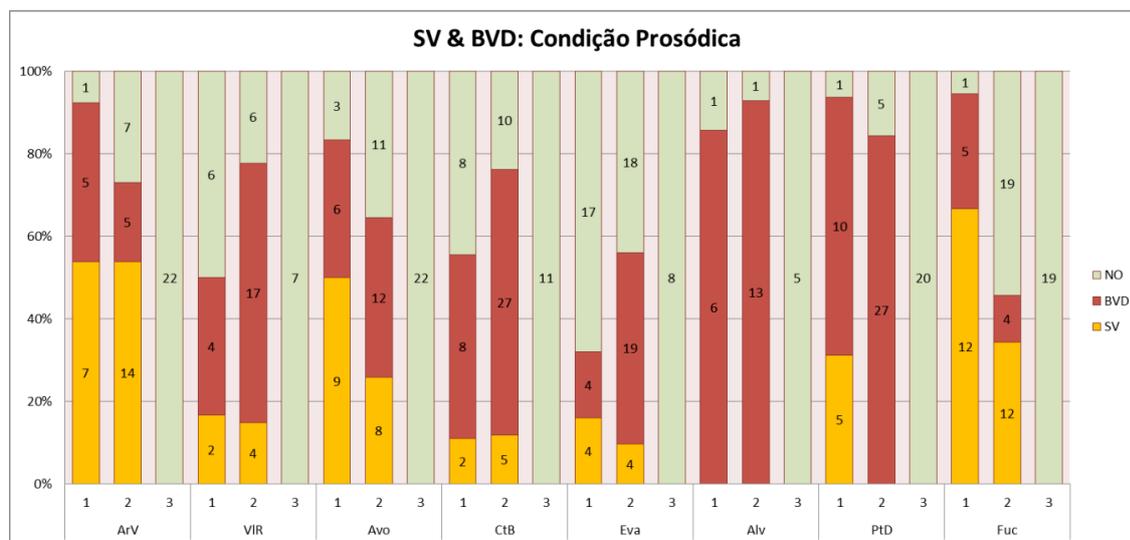


Figura 12 – Ocorrência e não ocorrência de SV e BVD (‘SV’, ‘BVD’ e ‘NO’, respetivamente), por região, tendo em conta três condições prosódicas (1 – Dentro de PhP; 2 – Entre PhP e 3 – Entre IP). Percentagens (eixo y) e números absolutos (interior das barras).

Tal como foi observado para VM, SV e BVD são bloqueados entre dois IPs. Também como se pôde observar na secção 4.1, existe bastante variação entre as regiões na frequência de SV e BVD. Parece existir uma proximidade entre regiões mais a Norte do País e a região do Fuc, onde há mais SV e menos BVD, e as regiões

do Sul e a região de PtD, onde há mais BVD e menos, ou até ausência, de SV, independentemente da posição prosódica (interior ou entre PhP). Na verdade, não parece observar-se uma tendência evidente para o recurso a um processo ou outro em função de o hiato estar em interior ou entre PhP. A região de ViR, é a exceção pois apresenta mais BVD do que SV, algo que difere das outras regiões do Norte (ArV e Avo). Um agrupamento semelhante entre regiões é observado quando considerado a frequência relativa de resolução de hiatos em interior ou entre PhP: as regiões do Norte ArV e Avo e a região Fuc tendem a resolver mais o hiato em interior de PhP do que entre PhP, enquanto o inverso se observa em quase todas as outras regiões, com a exceção evidente de Alv e PtD, onde a frequência de resolução é muito alta nos dois contextos.

A região mais a Norte (ArV) e a mais a Sul (Alv) e PtD, têm taxas de resolução de hiato bastante altas: no caso de ArV sobretudo em interior de PhP (próxima dos 95%) e no caso de Alv e PtD em ambas as condições prosódicas, como vimos (entre 84% e 94%, respectivamente dentro de PhP e entre PhP).

Resumindo, podemos observar que todos os fenómenos são do domínio do IP, pois este bloqueia a sua ocorrência. Existe bastante variação na frequência dos diversos fenómenos e parece não existir uma relação entre estes (VM, SV e BVD), excepto quando observamos a taxa de resolução de hiato, que é bastante alta em PtD, tanto para o contexto da VM como para o da SV e BVD. Também se nota que a taxa de resolução de hiato é bastante superior no que toca aos fenómenos da SV e BVD.

Independentemente do contexto prosódico, SV predomina no Norte Litoral e no Funchal, enquanto a BVD predomina ou é o único processo disponível no Sul e em Ponta Delgada. Para além disso, no primeiro conjunto de regiões os hiatos tendem mais a ser resolvidos em interior de PhP, enquanto no segundo a taxa é muito elevada tanto em interior como entre PhP. Nos restantes pontos geográficos, onde a taxa de resolução de hiatos não é tão alta quanto no Sul e PtD, observa-se uma maior incidência de resolução de hiatos entre PhP.

4.3 Níveis de proeminência – Semivocalização e Apagamento

Como observámos anteriormente, o acento lexical bloqueia a aplicação do fenómeno Vm, mas não SV e BVD, pois é possível a sua aplicação quando V2, mas

não V1, é acentuada, em interior de IP. Assim, é nesta configuração prosódica, e apenas para SV e BVD, que podemos avaliar o efeito do nível de proeminência superior na aplicação dos processos. Em conformidade com esta observação, os dados aqui analisados referem-se apenas à taxa de ocorrência de SV e BVD na realização da sequência [u v] com V1 átona em interior de IP.

Na Figura 13 apresentam-se os valores de frequência de ocorrência de cada um dos processos em função de V2 ser portadora ou não de proeminência de PhP.

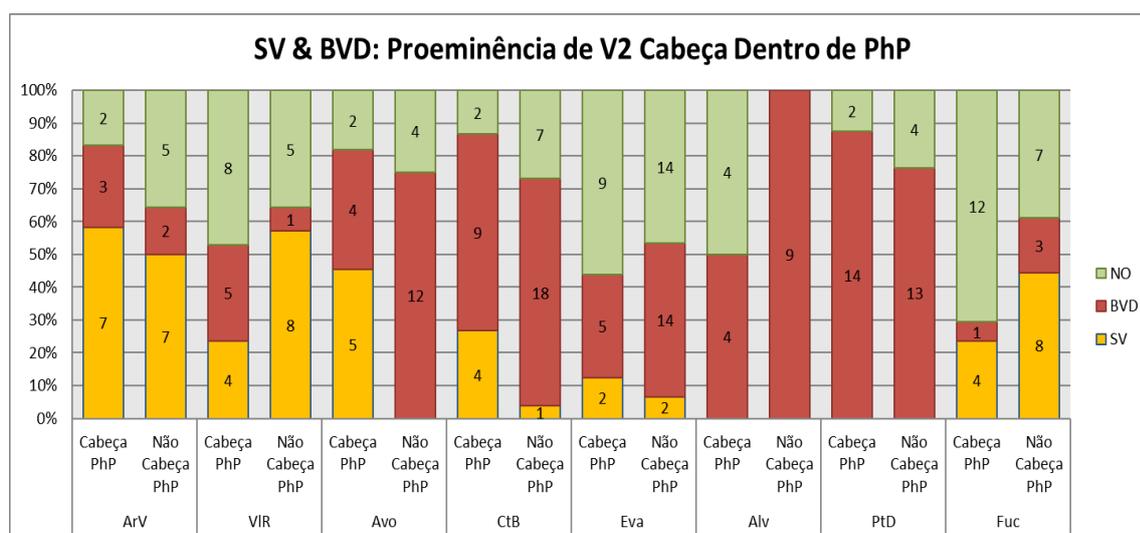


Figura 13 – Ocorrência e não ocorrência de SV e BVD (‘SV’, ‘BVD’ e ‘NO’, respetivamente), por região, tendo em conta os níveis de proeminência dentro de PhP (V2 cabeça/não cabeça de PhP). Percentagens (eixo y) e números absolutos (interior das barras).

Apenas em duas regiões os níveis de proeminência parecem ter um papel particularmente relevante na taxa de resolução dos hiatos: em Alv e Fuc, V2 ser portadora de acento de PhP origina uma evidente menor taxa de resolução do encontro vocálico. No caso de Alv, esta observação torna-se ainda mais evidente porque nesta região quando V2 não é cabeça de PhP, os hiatos são sempre resolvidos. Nas restantes regiões, a proeminência de PhP em V2 não inibe consideravelmente a resolução de hiato e, no ocaso de ArV até parece promovê-la.

Não se verifica uma tendência comum a diferentes regiões na preferência pelo uso de um ou outro processo em função da presença ou ausência desse nível de acento em V2. Apenas em Avo há maior incidência de SV quando V2 é não-cabeça, enquanto

em ViR, essa configuração favorece BVD, sendo a distribuição dos processos relativamente semelhante nas duas condições nas restantes regiões.

4.4 Antagonismo acentual – Semivocalização e Apagamento

Como vimos no Capítulo 2, segundo Frota (2000) para além dos fatores já vistos relacionados com o acento lexical e os domínios prosódicos, o comportamento destes fenómenos pode ser afetado em condições de antagonismo acentual e pela distância silábica entre acentos lexicais.

Nos dados aqui em avaliação, dois acentos de palavras podem estar separados por uma ou mais sílabas. Quando apenas uma sílaba intervém entre acentos de palavra, a aplicação de um processo de resolução de hiato pode provocar um antagonismo acentual, ou seja, duas sílabas adjacentes com acento lexical. Esta situação ocorre quando V1 é átona e V2 é tónica (i.e. O *dançaRI*no *Ama* a *bailarina russa*).

Visto VM não permitir nem acento em V1 nem em V2, esta não será considerada nesta análise, pois nunca ocorrerá um contexto com antagonismo acentual em que VM seja possível. Consideram-se assim, apenas os dados referentes a SV e BVD e, no caso presente, apenas quando os hiatos estão em interior de PhP.¹¹

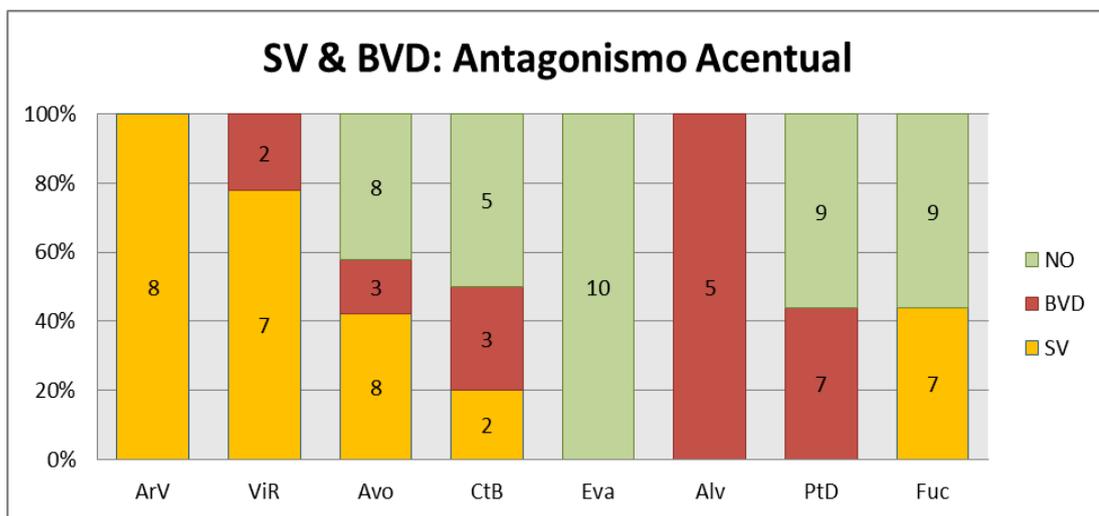


Figura 14 – Ocorrência e não ocorrência de SV e BVD (‘SV’, ‘BVD’ e ‘NO’, respetivamente), por região, em contextos onde existe antagonismo acentual, por região.

¹¹ Como dito no Capítulo 3, a palavra *âmbar* era, na sua grande maioria, produzida como *âmBAR* em vez de *Âmbar*. Por esta razão, todos os contextos em que o antagonismo acentual poderia existir entre PhP, acabaram por não ocorrer.

Podemos observar que existe bastante variação em relação à resolução de hiatos quando em contexto de antagonismo acentual. Mais uma vez, e como já observámos, as regiões do Norte, apresentam mais SV do que as do Sul. A região com maior frequência de SV é a região do extremo Norte (ArV), onde sempre que existe um contexto com antagonismo, há preferência por SV. O inverso parece ocorrer na região mais a Sul (Alv), onde só a BVD é possível. Existe também um contraste entre os dois pontos insulares: a região do Fuc tem preferência por SV, sendo este o único fenómeno permitido, enquanto em PtD só a BVD aparenta ser possível. A região de CtB revela-se como uma região de transição entre as regiões a Norte e as regiões a Sul do país, pois a frequência de SV vai gradualmente diminuindo até ao Centro do país, dando lugar depois ao aumento da frequência de BVD.

Também se pode notar que a região de Eva¹² não permite o antagonismo. Pode também observar-se que as regiões de CtB, PtD e Fuc, só permitem o antagonismo em metade dos casos e nas regiões ArV, ViR e Alv o hiato é resolvido em 100% dos casos.

Em suma, pode confirmar-se que a maioria das regiões aqui em estudo se diferencia do SEP. Nesta última, só SV é permitida em condições de antagonismo acentual, mas não BVD. Assim sendo, por hipótese, podemos assumir que só ArV e Fuc se comportam como a variedade *Standard*. As restantes regiões exibem diferenças em relação ao SEP e Eva chega a não permitir sequer antagonismo. Nas outras regiões, tanto a SV como a BVD são permitidas.

4.5 Distância silábica entre acentos – Semivocalização e Apagamento

Observados todos os contextos em que o antagonismo acentual é permitido, e observado como este é tolerado ou não nas diversas regiões, resta perceber, se há diferenças entre regiões quando uma ou mais sílabas estão entre os acentos de palavra. Como vimos no Capítulo 2, no SEP, a presença de uma ou mais vogais entre acentos de palavra origina diferentes probabilidades de aplicação de SV e BVD. Neste

¹² Notou-se diversas más produções nesta região, daí o número de frequência ser bastante menor que o das restantes regiões. De qualquer forma, achamos que a não resolução de hiato, nestes contextos, advém de esta região não o permitir.

subcapítulo, o efeito da distância entre acentos na aplicação destes processos é investigado nos pontos de recolha em estudo.

Note-se que quando há uma sílaba entre acentos, estamos perante a situação em que a aplicação de SV ou BVD gera um antagonismo acentual com adjacência de acentos de palavra, investigada na secção anterior. Aqui pretendemos determinar como os processos se aplicam quando há uma sílaba entre acentos após a eventual aplicação dos processos.

Na Figura 15, é apresentada a taxa de ocorrência dos processos quando existem uma ou mais sílabas entre acentos lexicais, como em (*bailaRIno Anda*) e (*MUstico Anda*), respetivamente.

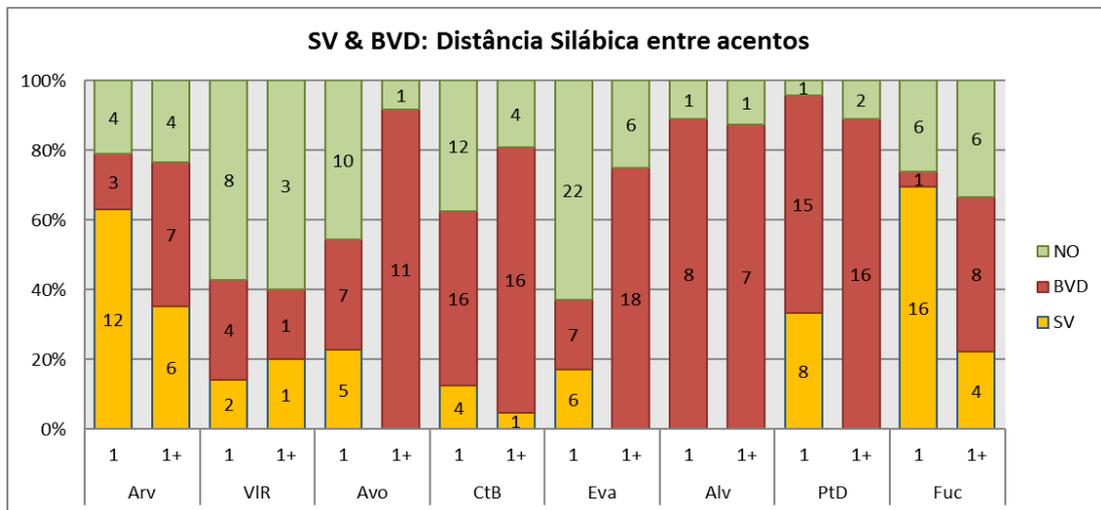


Figura 15 – Ocorrência e não ocorrência de SV e BVD (‘SV’, ‘BVD’ e ‘NO’, respetivamente), por região, em contextos onde existe uma ou mais sílabas (‘1’, ‘1+’) entre o acento da primeira palavra e o da segunda, por região. Percentagens (eixo y) e números absolutos (interior das barras).

Podemos observar uma maior presença de BVD quando existe mais de uma sílaba entre acentos lexicais, sendo SV mais frequente quando existe uma só sílaba entre acentos. Como podemos verificar, nas regiões onde os dois processos se podem aplicar, há uma tendência para maior presença de BVD quando há mais de uma sílaba entre acentos do que quando há apenas uma sílaba, mesmo nas regiões em que SV é o processo mais usado na resolução de hiatos (em particular, ArV e Fuc). Inversamente, SV tende a ocorrer mais quando existe uma só sílaba entre acentos do que quando há mais que uma sílaba, mesmo nas zonas em que, ocorrendo os dois fenómenos, BVD é preferido (PtD).

Em resumo, estes resultados estão em linha com algumas das observações feitas nas secções anteriores. BVD tende a não operar, ou ocorrer menos, se o resultado da sua aplicação origina dois acentos adjacentes, cedendo espaço à aplicação de SV. Continua a ser visível uma assimetria entre regiões na preferência por SV ou BVD, mas isso é agora mais notório, uma vez que, quando há mais de uma sílaba entre acentos, há regiões em que apenas BVD ocorre (ViR, Eva, PtD).

4.6 Notas sobre uma estratégia alternativa para a resolução de hiatos com vogais centrais: o apagamento de [ɐ]

Durante a análise dos processos de resolução de hiatos com vogais centrais, apercebemo-nos que uma das estratégias usadas para evitar a sequência vocálica quando não existia VM era o apagamento de V1 (VDa). Visto este fenómeno não ter sido contabilizado na análise dessa sequência vocálica no SEP, e apesar de ser pouco frequente nos nossos dados, nesta subsecção procuraremos avaliar de um modo sucinto, o papel do acento de palavra e da posição no domínio prosódico no apagamento de [ɐ], à imagem do que foi feito para VM.

Como se pode ver na Figura 16, o apagamento de vogal central [ɐ] é possível quando a segunda vogal é acentuada (V2), contrariamente ao que se sucede com a VM, mas tal como observado para a SV e BVD.

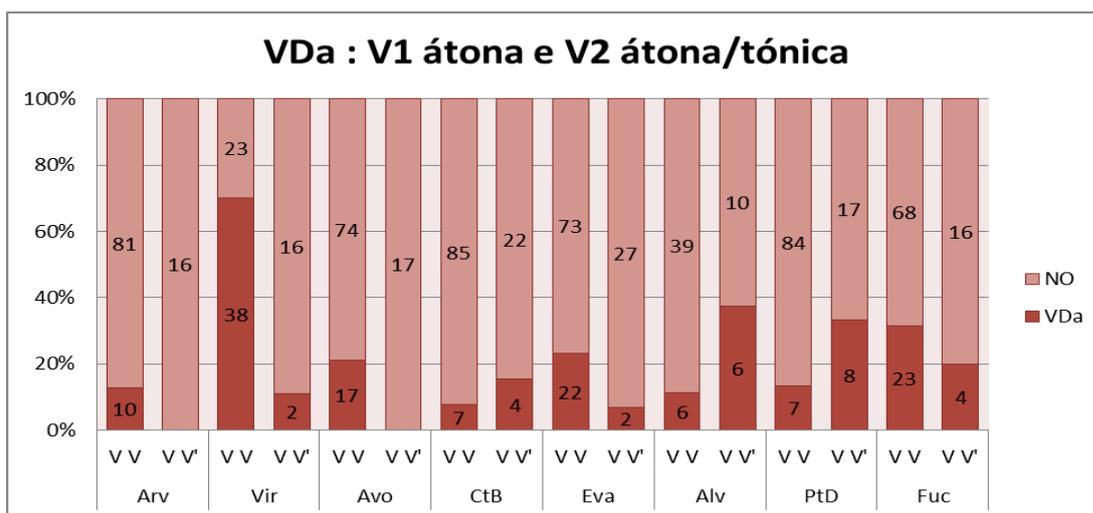


Figura 16 – Ocorrência e não ocorrência de VDa ('NO' e 'VDa', respetivamente), quando situações de V1 e V2 átonos e V1 átona e V2 tónica, por região, quando V1 é átona e V2 átona ou tónica ('V' ou 'V'', respetivamente). Percentagens (eixo y).

Apesar de não ter uma incidência muito alta, verifica-se que, para além da VM, este é o fenómeno mais usado para resolver o hiato com vogais centrais. A única região que se destaca na taxa de frequência é ViR, que apresenta, quando ambas as vogais são átonas, uma grande incidência de apagamento. Também de notar que ArV não permite o apagamento de [ɐ] quando V2 é acentuada.

O apagamento de [ɐ] aparenta ter o mesmo comportamento que os restantes fenómenos aqui analisados em relação ao seu domínio prosódico. Como mostrado na Figura 17, VDa não opera quando uma fronteira de IP intervém entre as duas vogais, (tal como VM, SV e BVD).

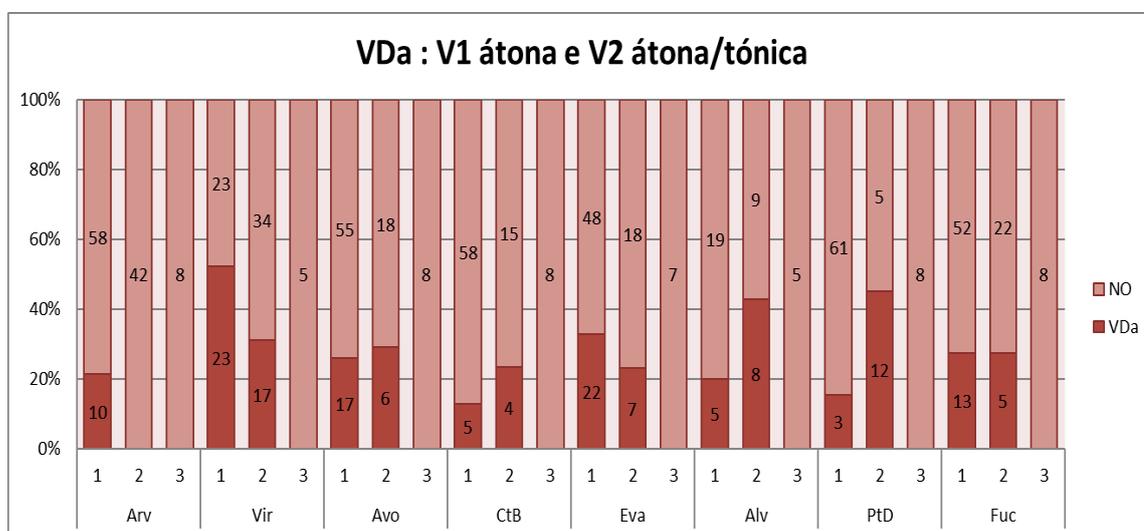


Figura 17 – Ocorrência de VDa tendo em conta a posição do hiato com vogais centrais em três posições prosódicas (1 – Dentro de PhP; 2 – Entre PhP e 3 – Entre IP)

Podemos observar ainda que a frequência deste fenómeno só é superada pela de VM. Diferentemente de VM, a maior incidência de VDa acontece em contextos dentro de PhP nas regiões mais a Norte (ViR e ArV). Uma maior frequência na ocorrência dos fenómenos em contexto entre PhPs surge mais na região do extremo Sul, e em PtD.

5 Discussão e Conclusão

Ao longo da análise observámos diversas características que podem ser apontadas como sendo comuns a todas as regiões. Apesar disso, existe bastante variação em Portugal Continental em relação à frequência da aplicação de cada fenómeno e/ou ao efeito das condições prosódicas avaliadas. Em todas as regiões, o acento na primeira vogal (V1) bloqueia a ocorrência de todos os fenómenos. Este facto pode ser justificado pela importância que a sílaba acentuada tem na fonologia do Português Europeu. É interessante notar que o efeito bloqueador do acento de palavra não existe ou é mais fraco noutras línguas românicas e, também, na variedade do PB (Bisol 2003; Cabré & Prieto 2005).

Ainda em relação ao acento em uma das vogais, foi observado que, tal como no SEP (Frota, 2000), não existe apagamento de V2 nas restantes regiões aqui analisadas (*ouv[i] [v]penas* → **ouv[i] penas*).

Apesar de o acento em V2 bloquear a ocorrência de VM, este não bloqueia a ocorrência dos fenómenos da SV e BVD no contexto [u v] e VDa, no contexto [v v]. No caso de VDa a frequência não é tão alta como a de BVD. Apesar de VDa e BVD serem possíveis quando V2 é acentuada, este contexto é mais propício a SV, quando a primeira vogal é [u].

Nos nossos dados apenas residualmente encontramos glide inserida entre vogais centrais quando V2 é tónica, pelo que não tratámos aqui esse fenómeno como uma estratégia alternativa para a resolução de hiatos neste contexto. Esse fenómeno foi recentemente estudado em Oliveira et al. (2014; no prelo), tendo sido encontrado com alguma frequência nos dados analisados em diversas regiões no Norte e Centro do país e nos Açores). A presença deste fenómeno nos nossos dados é residual. Isso pode dever-se à pequena quantidade de contextos alvo no *corpus* aqui estudado e ao facto dos nossos dados serem referentes à faixa mais nova e de zonas urbanas, características estas que, regra geral, estão associadas a uma menor taxa de inserção de glide (Oliveira, 2016; Oliveira et al., no prelo).

Observámos ainda que um dos fatores de maior importância para a incidência destes fenómenos é a posição dos alvos em relação à estrutura prosódica. No SEP, foi visto que todos os fenómenos têm IP como domínio, pois uma fronteira deste nível

bloqueia a ocorrência de todos (VM, SV e BVD). O mesmo foi encontrado para todas as regiões aqui analisadas: em nenhuma foram encontradas ocorrências de processos de resolução de hiatos entre IPs. Isto significa que, quando a sequência de vogais se situa entre dois IPs, o hiato não se resolve, ou resolve-se através de outro tipo de fenómenos, como a introdução de uma pausa entre as duas palavras-alvo.

Ainda em relação ao efeito dos domínios prosódicos, foi possível observar uma correlação entre maior frequência de SV e a condição prosódica com mais resolução: sempre que há mais SV a taxa de resolução é mais alta quando em dentro de PhP, verificando-se o oposto quando a BVD é o fenómeno preferido (há uma maior taxa de resolução entre PhPs).

Parece existir uma maior taxa de resolução de hiato nos contextos [u e] do que no contexto entre vogais centrais. Apesar disso, ambas as sequências vocálicas demonstram uma taxa alta de resolução de hiato, o que remete para o que foi dito para grande parte das línguas românicas por Casali (1997): estas tendem, regra geral, a resolver hiatos quer por estratégias segmentais, como as que encontramos aqui, quer por estratégias rítmicas, entre outras.

Os níveis de proeminência parecem ter influência na aplicação do fenómeno da BVD e SV. Em relação à SV, existe uma preferência pelo fenómeno quando este se encontra entre PhP quando V2 é cabeça de constituinte. Ainda que esta diferença seja residual, ela pode observar-se em várias regiões (ArV, ViR, CtB e Eva). A BVD apresenta o resultado contrário à SV, uma vez que quando V2 não é cabeça de PhP, a maior parte das regiões dá preferência à BVD. Este facto pode significar que BVD é inibida quando V2 é prosodicamente proeminente.

Uma condição que também demonstrou bastante influência na ocorrência de SV e BVD, é o antagonismo acentual. Aqui podemos observar que, mais uma vez, é dada preferência à SV no Norte do país e em Fuc e à BVD no Sul e em PtD. Esta diferença aparenta indicar uma maior preservação vocálica nas regiões do Norte, pois o apagamento vai aumentado consideravelmente quando observados os resultados de Norte para Sul, chegando a SV a ser obrigatória, quando há antagonismo, em ArV (região mais a Norte) e a BVD ser obrigatória em Alv. A região de CtB parece ser um ponto de transição na incidência de SV e BVD, já que, nesta região, estes dois fenómenos têm uma presença relativamente equivalente. De notar também que Eva

não permite o antagonismo acentual, bloqueando qualquer processo que resulte em sílabas acentuadas adjacentes. Estes resultados poderão ser observados em Oliveira (2016) para a região do Alto-Alentejo (Nisa), em que a resolução do hiato é impossível em todas as configurações acentuais.

Se observamos a distância silábica entre acentos, esta também se revelou importante, já que, tal como tinha sido visto para o SEP em Frota (2000), todas as regiões mostram uma preferência pela BVD quando existe mais que uma sílaba entre acentos lexicais. O contrário observa-se no caso de SV, à qual é dada preferência quando só uma sílaba se encontra entre acentos.

Nalgumas regiões registaram-se ocorrências não de crase mas de apagamento da primeira de duas vogais centrais ([ɐ]). Verificou-se que o processo opera da mesma maneira que os restantes fenómenos no que toca ao acento e à sua distribuição prosódica. Este fenómeno existe na sua grande maioria na região de ViR, onde só duas informantes foram analisadas. Um olhar mais atento sobre os dados mostra que há uma elevada frequência de apagamento numa das informantes quando [ɐ] pertence a uma palavra clítica (CL) (cerca de 60% de apagamento). Esta poderá ser a real razão pela qual existe uma variação tão grande entre os dados de ViR e os restantes.

Em relação à frequência relativa dos fenómenos que podem ocorrer no mesmo contexto, em particular SV e BVD verificámos uma maior utilização da SV nas regiões mais a Norte do país e na região de Fuc, e uma predominância de BVD nas regiões do Sul e em PtD (sendo que a região de Alv, não apresenta mesmo qualquer ocorrência de SV). Esta tendência para o uso de SV no Norte, contrariamente ao encontrado no Sul, e, também, o facto de ser característico das regiões do Norte a ocorrência de fenómenos segmentais como a inserção de iode (Oliveira, 2016; Oliveira et al., 2014, no prelo), pode indiciar que as regiões do Norte do país têm uma tendência para preservar mais vogais ou segmentos, em geral. A mesma tendência também pode explicar a maior preservação do hiato com vogais centrais nas duas regiões mais a Norte. Em Paulino, Oliveira & Vigário (aceite) é colocada a hipótese de estar aqui em causa a mesma necessidade de preservar o material segmental que justifica que as variedades do Norte mantenham o material segmental em contextos *tone crowding*. A forma como as variedades do Português resolvem essas situações foi estudada em Frota et al. (2016), que mostram que nesse contexto, quando há apenas uma sílaba

disponível para vários tons fonológicos se associarem, pode haver ou inserção de segmentos ou apagamento de tons. Nesse estudo, conclui-se que há variação no espaço de Portugal continental também a este respeito, com tendência para preservação do material segmental fonológico e truncamento tonal mais a Norte e progressivamente mais alteração do material segmental fonológico e preservação dos eventos tonais fonológicos.

Um tópico que ficou por explorar nesta tese diz respeito a eventuais condicionantes sociolinguísticas no uso dos diversos fenómenos de resolução de hiatos estudados, variáveis relevantes para a inserção da glide, por exemplo, estudada por Oliveira et al. (2014, no prelo). Podemos mesmo assim concluir que pelo menos as habilitações literárias não parecem influir na taxa de resolução do hiato composto por vogais centrais, uma vez que, para além das habilitações das informantes variarem consideravelmente nos nossos dados, as regiões de Eva e Alv, onde a média da formação era o décimo ano de escolaridade, exibem valores de resolução de hiato equivalentes encontradas no Fuc ou Avo em informantes com licenciatura ou mestrado.

Também não foi feito aqui um trabalho no sentido de mapear a variação encontrada. Pensamos que é necessário continuar a expandir este tipo de análise a outras regiões do PE (e a outras variedades do Português) para que seja possível fazer um mapeamento dos fenómenos aqui tratados. Julgamos que também será útil o estudo de dados provenientes de outro tipo de tarefas, como tarefas de fala espontânea, e que se tenha em conta diversas características sociolinguísticas como faixas etárias diferentes e as diferenças entre os pontos de recolha rurais vs. urbanos.

Referências Bibliográficas

- Andrade, E. d'. (1977). *Aspects de la Phonologie (Générative) du Portugais*. Lisboa: CLUL/INIC.
- Andrade, E. d' & Viana, M. C. (1993). Sinérese, diérese e estrutura silábica. *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 31-42). Lisboa: APL.
- Andrade, E. d' & Viana, M. C. (1994). Que horas são às (1)3 e 15? *Actas do VIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp 59-66). Lisboa: APL.
- Barros, N. (2014). *Fraseamento Prosódico em Português: uma análise entoacional de construções parentéticas e tópicos em duas variedades do Português Europeu* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Bisol, L. (2003). Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus*, 15(2), 177-200.
- Boersma, P. & Weenink, D. (2007). *Praat: doing phonetics by computer*. (Version 5.3.56). [www.praat.org]
- Boléo, M. P., & Silva, M. H. (1962). O Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental. *Boletim de Filologia*, 20, 85-112.
- Browman, C. & Goldstein, L. (1986). Toward an articulatory Phonology. *Phonology yearbook*, 3, 219-252.
- Browman, C. & Goldstein, L. (1989). Articulatory gestures as phonological units. *Phonology*, 6, 201-252.
- Cabré, T. & Prieto, P. (2005). Positional and metrical prominence effects on vowel sandhi in Catalan. In S. Frota, M. Vigário & M. J. Freitas (Eds.), *Prosodies* (pp. 123-158). *Mouton de Gruyter: The Hague*.
- Casali, R. (1997). Vowel elision in hiatus contexts: Which vowel goes? *Language*, 73, 493-533.
- Casali, R. (2011). Hiatus resolution. In M. V. Oostendorp, C. J. Ewen, E. Hume & K. Rice (Eds.) *The Blackwell Companion to Phonology* (Vol. 3, pp. 1434-1460). Malden, MA e Oxford: Wiley-Blackwell.

- Cintra, L. (1971). Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, 22, 81-116.
- Cruz, M. (2013) *Prosodic variation in European Portuguese: phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties* (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Ellison, M., & Viana, M. (1996). Antagonismo e Elisão de Vogais átonas Finais em P. E. In I. Duarte & M. Miguel (Eds.), *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Vol. III, pp. 261-281). Lisboa: APL.
- Fernandez Rei, E. (2002). *Regras fonolóxicas posléxicas e regras precompiladas de alomorfa sintagmática: domínios prosódicos en galego* (Dissertação de Doutoramento). Universidade de Santiago, Santiago de Compostela.
- Florêncio, M. (2001). *Dialecto Alentejano – contributos para o seu estudo*. Lisboa: Colibri.
- Frota, S. (1993). On the prosody of focus in European Portuguese. *Proceedings of the Workshop on Phonology* (pp. 45-66). Lisboa: APL.
- Frota, S. (1995). Os domínios prosódicos e o Português Europeu: fenómenos de sandhi. *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 221-237). Lisboa: APL/Colibri.
- Frota, S. (2000). *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing.
- Frota, S. (Coord.) (2012-2015). *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese*. [<http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/>].
- Frota, S. & Cruz, M. (Coords). (2012-2015) *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese Webplatform*. [<http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/>].
- Frota, S. (2014). The Intonational Phonology of European Portuguese. In S. Jun (Org.), *Prosodic Typology II* (pp. 6-42). Oxford: Oxford University Press.
- Frota, S. & Vigário, M. (2001). On the correlates of rhythmic distinctions: the European/Brazilian Portuguese case. *Probus*, 13, 427-273.
- Frota, S. & Vigário, M. (2007). Intonational Phrasing in two varieties of European Portuguese. In T. Riad & C. Gussenhoven (Orgs.), *Tones and Tunes* (Vol. 1, pp. 265-291). Berlin: Mouton de Gruyter.

- Frota, S., Vigário, M., & Martins, F. (2002a). Language Discrimination and Rhythm Classes: Evidence from Portuguese. In *Proceedings of Speech Prosody 2002* (pp. 315-318). Aix-en-Provence.
- Frota, S., Vigário, M., & Martins, F. (2002b). Discriminação entre línguas: evidência para classes rítmicas. In *Actas do XVII Encontro da APL*, 189-199. Lisboa: APL/Colibri.
- Frota, S., Cruz, M., Fernandes-Svartman, F., Collischonn, G., Fonseca, A., Serra, C., Oliveira, P., & Vigário, M. (2015). Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In S. Frota & P. Prieto (Eds.), *Intonation in Romance* (pp. 235-283). Oxford: Oxford University Press.
- Frota, S., Cruz, M., Castelo, J., Barros, N., Crespo-Sendra, V. & Vigário, M. (2016). Tune or Text? Tune-text accommodation strategies in Portuguese. *Proceedings of the Speech Prosody 2016*. Boston: Boston University.
- Hall, N. (2011). Vowel epenthesis. In M. van Oostendorp, C. Ewen, E. Hume & K. Rice (Eds.), *The Blackwell companion to phonology* (vol. III, pp. 1576–1596). Malden, MA & Oxford: Wiley-Blackwell.
- Hall, N. (2013). Acoustic differences between lexical and epenthetic vowels in Lebanese Arabic. *Journal of Phonetics*, 41(2), 133-143.
- Hayes, B. (1989). The Prosodic Hierarchy in Meter. In P. Kiparsky & G. Youmans (Eds.), *Rhythm and Meter* (pp. 201-260). Orlando, Florida: Academic Press.
- Ladd, R. (2008). *Intonational Phonology* (2ª edição). Cambridge: Cambridge University Press.
- Martins, A. M. (Coord.) (2000-). CORDIAL-SIN: Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe/Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. [<http://www.clul.ul.pt/en/resources/411-cordial-corpus>]
- Mateus, M. H. (1975). *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. (2ª edição). Lisboa: CLUL/INIC.
- Nespor, M. & Vogel, I. (1986). *Prosodic Phonology*. (2ª edição, 2007). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Oliveira, P. (2016). *A prosódia da iode epentética para quebrar hiatos em variedades do Português* (dissertação de mestrado) Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

- Oliveira, P., Paulino, N., Cruz, M. & Vigário, M. (2014). Onde ainda([j])há o fenómeno? Contributo para o estudo da inserção de glide entre vogais centrais. In A. Moreno, F. Silva, I. Falé, I. Pereira & J. Veloso (Orgs.), *Textos Seleccionados no XIX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 419-436). APL: Porto.
- Oliveira, P., Paulino, P., Cruz, M. & Vigário, M. (no prelo). Glide insertion to break a hiatus across words in European Portuguese: the role of prosodic, geographic and sociolinguistics factors. In P. Barbosa, C. Paiva & C. Rodrigues (Eds.), *Studies on Variation and Change in Varieties of Portuguese*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Paulino, N., Oliveira, P. & Vigário, M. (aceite). Hiatus resolution across words in European Portuguese dialects: Towards an integrated view. In M. Cruz, P. Oliveira & S. Frota (Eds.), *Prosodic variation (with)in languages: Evidence from intonation, phrasing and segmental phenomena. Series Studies in Phonetics and Phonology*. United Kingdom: Equinox Publishing.
- Oliveira, P., Palma, P., Barros, N., Neto, B., Cruz, M. & Frota, S. (2015a). ArcGIS solutions for language variation: the challenge of mapping prosody in European Portuguese. Comunicação apresentada na *Esri European User Conference15*. Salzburgo, Áustria.
- Oliveira, P., Palma, P., Barros, N., Neto, B., Cruz, M. & Frota, S. (2015). Mapping variation in European Portuguese: intonation, phrasing, and rhythm. Comunicação apresentada no *ProVar - Workshop on Prosodic Variation*. Lisboa, Portugal.
- Paulino, N., & Frota, S. (2015). Variação prosódica no Português Europeu: análise comparada de fenómenos de sândi vocálico. In *Textos Seleccionados do XXX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 435-448). Porto: Associação Portuguesa de Linguística.
- Ramus, F., Nespó, M. & Mehler, J. (1999). Correlates of linguistic rhythm in the speech signal. *Cognition*, 73(3), 265-292.
- Rodrigues, C. (2012). Variantes não-standard e tipo de discurso: (des)encontro de resultados. In M. A. Costa & I. Duarte (Orgs.), *Nada na linguagem lhe é estranho. Estudos em homenagem a Isabel Faria* (pp. 215-228). Porto: Edições Afrontamento.

- Rodrigues, C. & Martins, F. (1999). Espaço acústico das vogais acentuadas de Braga. In *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 301-316). APL: Faro.
- Sá Nogueira, R. (1938). *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.
- Segura, L. (2013). Variedades dialectais do Português Europeu. In E. Paiva Raposo, M. Bacelar do Nascimento, M. A. Mota, L. Seguro & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Volume 1, pp.85-142). Fundação Calouste Gulbenkian/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Segura, L., & Saramago, J. (2001). Variedades dialectais portuguesas. In M. H. Mateus (Org.), *Caminhos do Português: Exposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas* (pp. 221-237). Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Tenani, L. (2002) *Domínios prosódicos no Português*. (Dissertação de Doutoramento). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.
- Vasconcellos, J. L. (1896). Dialectos Alentejanos. *Revista Lusitana*, IV, 13-77.
- Vasconcellos, J. L. (1897). Mapa dialectológico do continente português. *Chorografia de Portugal*. Lisboa.
- Vasconcellos, J. L. (1901). *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* (Tese de Doutoramento). Universidade de Paris, Paris, França (2ª edição 1970, com aditamentos e correções do autor. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos).
- Vigário, M. (1998). Elisão da vogal não-recuada final e a palavra prosódica no Português Europeu. *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Vol. 2, pp. 359-376). Lisboa: Colibri.
- Vigário, M. (2003). *The Prosodic Word in European Portuguese*. (Interface Explorations Series 6). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Vigário, M. (2010). Prosodic structure between the Prosodic Word and the Phonological Phrase: recursive nodes or an independent domain? *The Linguistic Review*, 27(4), 485-530.
- Vigário, M. & Frota, S. (2003). The intonation of Standard and Northern European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 2(2), 115-137.

Vogel, I. (2009). Universals of Prosodic Structure. In. S. Scalise, E. Magni & A. Bisetto (Orgs.), *Universals of Language Today. Studis in Natural Language and Linguistic Theory* (pp. 59-82). Netherlands: Springer.

Anexo I

Corpus Utilizado (Tarefa de Leitura)

Sandhi Phenomena (Frota 2000, r 2+ Appendix IA)

Crase:

Sandhi_15. As alunas, até onde sabemos, obtiveram boas avaliações.

Sandhi_16. A aluna africana ofereceu flores às colegas japonesas.

Sandhi_17. A aluna aceitou o emprego no restaurante chinês.

Sandhi_18. A aluna apenas ofereceu flores ao professor de Português.

Sandhi_19. A aluna, após o exame, foi para a discoteca.

Sandhi_20. A caneta âmbar foi vendida ontem.

Sandhi_21. A tábula âmbar foi vendida ontem

Sandhi_22. A aluna ama o professor de matemática.

Sandhi_23. A astróloga ama o professor de matemática.

Sandhi_24. A aluna ama muito o irmão mais novo.

Sandhi_25. A astróloga ama muito o irmão mais novo.

Sandhi_26. A aluna, antes de partir, falou com os colegas.

Sandhi_27. A astróloga, antes de partir, falou com os colegas.

Sandhi_28. O galã africano enviou uma carta à cantora.

Sandhi_29. O galã afoito enviou uma carta à cantora.

Sandhi_30. O galã aceitou o papel de bandido.

Sandhi_31. O galã aceita o papel de bandido.

Sandhi_32. O galã apenas enviou flores à bailarina.

Sandhi_33. O galã apanhou sempre o melhor papel.

Sandhi_34. O galã, até partir, não revelou a sua identidade.

Sandhi_35. O galã, ameaçado pelo rival, revelou a sua identidade.

Semivocalização e Apagamento:

Sandhi_36. O músico africano cantou várias canções.

Sandhi_37. O músico aceitou o emprego no restaurante.

Sandhi_38. O músico apenas dedicou a canção à mãe.

Sandhi_39. O músico, após a audição, saltou para a plateia.

- Sandhi_40. O vestido âmbar foi vendido ontem.
- Sandhi_41. O púlpito âmbar foi leiloado ontem.
- Sandhi_42. O músico ama a bailarina russa.
- Sandhi_43. O dançarino ama a bailarina russa.
- Sandhi_44. O músico anda sempre de limusine preta.
- Sandhi_45. O bailarino anda sempre de limusine preta.
- Sandhi_46. O músico, antes de partir, falou com os amigos.
- Sandhi_47. O bailarino, antes de partir, falou com os amigos.
- Sandhi_48. Ouvi apenas, não cheguei a ver.
- Sandhi_49. Ouvi apitar, mas não cheguei a ver o carro.
- Sandhi_50. Ontem vi antenas de televisão à venda.
- Sandhi_51. Ontem vi aparelhos de televisão à venda.
- Sandhi_52. Ontem vi apenas rapazes na festa.
- Sandhi_53. Ontem vi animais domésticos na festa.
- Sandhi_54. Vi, após o tiro, um vulto a fugir.
- Sandhi_55. Vi, afrontando o bandido, um grupo de crianças.

